



ACARF Clube UNESCO

# O FORJANENSE

Director: Mário Robalo  
Subdirector: Cláudio Brochado  
Maio 2010 • Ano XXV 2ª série • n.º 252  
Fundado em Dezembro 1984  
Euros 0.80

*Mensário informativo e regionalista*

**JFA** PUB

Alvarás n.º EOP 25947  
n.º ICC 258

**DANIEL, FILHOS,  
CONSTRUÇÕES, LDA**

Rua da Fonte Velha  
4740 Forjães Esposende  
Fax: 253 877 137

Telm.: José - 937470992  
Fernando - 939021837  
Aníbal - 93 72 44 793

## Os caulinos da discórdia

*págs. 2-3*



Luis Pedro Ribeiro



Viana do Castelo: objectos recolhidos pelo pintor **Júlio Pomar** resultaram numa exposição de escultura e fotografia *pág. 10*



Luis Pedro Ribeiro

Encontros literários: uma festa de culturas *págs. 4-7*



Luis Pedro Ribeiro



Luis Pedro Ribeiro

**“Não sonho com o Prémio Nobel”**

*Em entrevista a O FORJANENSE, o escritor angolano Pepetela conta o que lia quando era guerrilheiro e o que hoje sente pelo seu país*



[www.espoauto.com](http://www.espoauto.com) [espoauto@espoauto.com](mailto:espoauto@espoauto.com)

Bouró - Gandra - 4740 - 473 Esposende - Tel. 253 969 180



**EspoAuto**  
comércio de automóveis

## Destaque I

As populações queixam-se de 10 anos a viver com maus cheiros e outros malefícios. O presidente da Junta de Freguesia de Forjães alerta para os perigos que decorrem da manutenção dos aterros. A RESULIMA garante a eficácia nas suas instalações de Vila Fria. Cabe agora a Barcelos ceder terrenos para novo aterro, em 2011. Mas as contradições multiplicam-se... *Textos Mário Robalo e Susana Costa Fotos Luís Pedro Ribeiro*

# As indefinições de um

# aterro



Aterro de Vila Fria: a RESULIMA diz assegurar a qualidade do tratamento e deposição do lixo de mais de 300 mil pessoas

Nenhum dos intervenientes parece entender-se. O futuro aterro da RESULIMA está a criar um clima de discórdia: populações e autarcas não acertam agulhas nem tão pouco a decisão política está clarificada. Contudo, há quem afirme ter ideias definidas...

A história começa assim. Quando se decidiu a construção do actual aterro em Vila Fria, em território de Viana do Castelo, ficou acordada a instalação do seu sucessor em território barcelense. E apesar da capacidade máxima do actual aterro ainda não estar atingida – um milhão e 650 mil metros cúbicos –, de acordo com José Emílio Viana, da RESULIMA, «há que cumprir o compromisso assumido há mais de dez anos pelas autarquias». Ou seja, Bar-

celos terá de construir o próximo depósito do lixo que produzimos. Todavia, perante a actual situação de crise do país, João Cepa, presidente da Câmara de Esposende, propõe «a manutenção de Vila Fria até à sua capacidade, o que pressupõe mais cinco ou seis anos de vida». Mas o autarca de Barcelos, Miguel Costa Gomes, não tem dúvidas: «Os caulinos de Fragoso são a solução definitiva». E Costa Gomes garantiu a O FORJANENSE ter já recebido o apoio político da Ministra do Ambiente, Dulce Pássaro.

Caso o futuro aterro venha a situar-se em Fragoso, na zona dos caulinos explorados pela MOTAMINERAL, a distância entre este e o seu antecessor de Vila Fria será de aproximadamente três

quilómetros, em linha recta. E é por aqui que estala a discórdia. A população de Alvarães reage, afirmando não querer ficar entalada, durante 20 anos, entre dois reservatórios de lixo. É assim que gritam, por toda a freguesia, as faixas pretas colocadas por uma comissão popular, à qual se associou Cristina Jaques, a presidente da Junta de Freguesia de Alvarães, que se mostra disposta a avançar para uma providência cautelar e, em último caso, recorrer para o Tribunal Europeu.

«São mais de 35 mil pessoas que terão de suportar um cheiro fétido que, tudo indica, põe em causa a saúde pública», diz a autarca, referindo-se assim às populações de sete freguesias do concelho de Barcelos, sete freguesias

Os polémicos caulinos de Fragoso não integram os estudos de impacte ambiental para o futuro aterro. O FORJANENSE soube pela RESULIMA que apenas estão na Agência Portuguesa do Ambiente resultados de estudos de impacte ambiental referentes a Palme e a dois locais em S. Gonçalo, na freguesia de Fragoso. Cabe agora a este organismo do Estado colocar à discussão pública aqueles estudos.

O tratamento das actuais 125 mil toneladas de lixo que anualmente são descarregadas em Vila Fria, vai ter de passar, em 2011, para Barcelos, que substituiu Viana neste trabalho. O autarca de Barcelos diz ter uma decisão tomada para os caulinos de Fragoso, com o apoio da ministra do Ambiente. A associação popular de Alvarães contra aquele local vai pedir à governante que reconsidere... Por seu turno, o presidente de freguesia de Palme nem sequer aceita discutir o assunto, apesar de reconhecer que um aterro na sua terra exigiria apenas a construção de 200 metros de acessos. Mas ele prefere preservar a ruralidade...

E se ambientalistas garantem que no monte S. Gonçalo é vantajoso por ser afas-

tado das populações e se poder escavar alvéolos nas rochas, evitando impacto visual, o presidente de Fragoso assume que não foi ele a sugerir o local dos caulinos, mas também não quer o futuro aterro naquele monte, por causa dos ventos Sul/Norte que trariam os cheiros, caso fosse ali colocado o novo depósito de lixos da RESULIMA. Estes receios fundamentam-se por, actualmente, se sentir um odor incómodo, emitido pelo aterro de Vila Fria. Ambientalistas esclarecem, que foi o incêndio de uma cortina arborea naquele local e o facto de, agora, o lixo já estar muito elevado e próximo da sua capacidade limite, que leva à existência de cheiros.

Quem defende a manutenção do actual aterro, por mais alguns anos, é o presidente do município de Esposende, justificando a opinião com a actual situação financeira do país. José Emílio Viana, da RESULIMA, contrapõe: «É uma previsão muito optimista». Recorde-se que 51 por cento da RESULIMA é propriedade do Estado e, a parte restante, dos municípios de Viana do Castelo, Esposende, Barcelos, Ponte de Lima, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez.

do concelho de Viana do Castelo e duas do concelho de Esposende. Chamando a atenção para o facto de o local pretendido pelo presidente da Câmara de Barcelos se situar a menos de 400 metros de diversas habitações, Cristina Jaques assume que o autarca de Viana do Castelo, José Maria Costa, afirmou «existirem apenas duas localizações possíveis: S. Gonçalo e Palme». Na verdade, a RESULIMA confirma que os estudos de impacte ambiental incidem precisamente naqueles dois locais. José Emílio Viana anota ainda que a zona dos caulinos, também na freguesia de Fragoso, não consta no processo de investigação feito pela Universidade do Minho e a Hidroprojecto.

As indefinições mantêm-se. O

presidente da Junta de Freguesia de Fragoso, Leonel Vila Chã, tem outra versão de tudo isto. Garantindo que o anterior executivo do Município de Barcelos levou ao sítio de exploração da Mota Mineral «ambientalistas da Universidade do Minho que acharam o local indicado», refere o acordo que ele, então, terá feito com Fernando Reis, e que visitou os caulinos dois meses antes das eleições de 2009. Na ocasião, segundo Leonel Vila Chã, o ex-autarca, «na companhia do engenheiro Cardona, da RESULIMA, considerou aquele lugar uma opção, por estar disponível, devido às crateras». Foi nessa altura que Leonel Vila Chã auscultou a Assembleia de Freguesia, que se pronunciou unanimemente favorável, em

troca de contrapartidas – ligação da zona industrial da freguesia à EN103, para facilitar acesso à A28; comunicação viária do futuro aterro à estrada de Barroselas e Vila de Punhe; e construção de um lar para a Terceira Idade, com 40 camas. «Fernando Reis concordou», garante o autarca. Miguel Costa Gomes desmente o pedido: «O presidente da Junta de Freguesia de Fragoso somente solicitou a estrada de acesso à A28».

O que se ouve falar, incluindo a autarcas, é que a MOTAMINERAL pediu a Fernando Reis 2 milhões de euros pela cedência dos seus terrenos. Colocado perante esta questão, o actual presidente do município de Barcelos ironiza: «Não tenham mais olhos que barrega», afirmando ter «argumentos de peso, legais e políticos, para a MOTAMINERAL», num apontamento a uma possível ilegalidade.

Costa Gomes, contudo, não quis especificar o tipo de argumentos. Todavia, há responsáveis que dizem estar aquela empresa a funcionar ilegalmente, por não fechar as crateras resultantes das explorações. Um dos que assume a acusação é o presidente de freguesia de Palme, Arlindo Vila Chã.

Mas a MOTAMINERAL nem quer ouvir falar do aterro. Valdemar Oliveira, director operacional da empresa, desmentindo qualquer negociação com Barcelos, fala apenas de «um contacto informal, por parte da Direcção-Geral de Geologia e Energia, para saber da abertura a possíveis negociações». Que nunca se fizeram, garante. E a propósito das crateras existentes, diz que o organismo que tutela a empresa, o Ministério da Economia, «faz regularmente inspecções ao local». «Não estamos ilegais», diz Valdemar Oli-

**Está instalada a confusão. Governo e autarcas não esclarecem o que fazer com as mais de 125 mil toneladas de lixo que, anualmente, são depositadas no actual aterro, e que está no seu limite**

**Enquanto a freguesia de Alvarães levanta a única voz de protesto à instalação de um novo aterro nos caulinos de Fragoso, o autarca do município de Barcelos diz ter o apoio governamental para aquela decisão**

veira, referindo um conjunto de indústrias associadas à exploração do couro mineiro da empresa, para sublinhar: «As crateras não estão em fim de vida. A empresa não está interessada em negociar. Apenas queremos continuar a trabalhar...». Também o autarca de Palme não quer discutir o aterro. «Temos consciência de ser o melhor espaço florestal do distrito de Braga», diz quando recorda o estudo de impacte ambiental de que teve conhecimento através de Fernando Reis, antes da manifestação de Março de 2009. «Os estudos que nos apresentaram sonnegavam as nascentes de água na área florestal», diz, quando fala das promessas de postos de trabalho para gente da terra, no futuro aterro: «Somos uma freguesia rural. Preferimos ser pobres e manter a nossa floresta intacta».

O impacto ambiental é, de

facto, a principal preocupação quando se tenta conhecer os efeitos de um aterro sanitário. A RESULIMA desmente os receios, considerando-os legítimos, mas infundados. José Emílio Viana, além de referir o facto de a empresa «ser fiscalizada por várias entidades e possuir um certificado ambiental e de segurança», fala da existência de um sistema de não-contaminação dos solos e dos lençóis freáticos pelas águas lixiviantes. «Depois de tratadas, como cumprem todos os meios legais, podem fazer-se as descargas directamente no meio hídrico. Porém, fazemo-las num colector público, que segue para a ETAR municipal». E quanto aos casos de doenças nas pessoas e animais ou de contaminação dos terrenos e de cursos de água, a RESULIMA diz nunca ter recebido qualquer queixa nem contestação pública...

## Posição Junta de Freguesia de Forjães

José Henrique Brito

Tem-se falado ultimamente na localização do futuro aterro sanitário da Resulima.

Palme ou Fragoso (no limite, perto de Alvarães, nas barreiras, junto à antiga cerâmica Campos)?

É certo que será no concelho de Barcelos, assim como também é certo, que o seguinte será no concelho de Espoende.

A junta de freguesia tem uma posição clara sobre estas duas hipóteses.

Antes de mais, dois esclarecimentos: preferimos aterros a lixeiras e preferimos não o ter ao «pé da porta».

Entendemos, entre as duas soluções apresentadas, ser a hipótese Fragoso a menos prejudicial para Forjães.

Vejam, em Palme, não falando na destruição da mancha florestal, teremos um aumento significativo no volume de tráfego na EN 103. O mais grave será o «desaparecimento» do ribeiro do Fulão, uma vez que o aterro



«Preferimos aterros a lixeiras, mas não ao pé da porta»

se situa na sua nascente e todas as consequências daí inerentes.

Estamos cientes das novas técnicas utilizadas na construção do aterro. Mas também, sabemos que as telas ou o material a ser utilizado não é eterno. E quando existir uma falha, uma quebra? Quando acabar o seu tempo de vida daqui a 20, 30, 50 ou 100 anos? Teremos uma via aberta para matar o rio Neiva. Vamos

passar uma certidão de óbito ao Neiva? Não contem connosco.

Em Fragoso, para além de já existirem as minas abertas com a exploração do caulino, este material, por si, é mais isolante e impermeável que a terra ou rocha, não correndo o risco de vir a «matar» o Neiva.

A questão de cheiros e odores, os ventos predominantes em Forjães, não vêm de Este.

Resumindo: aterros, não aqui perto. Palme ou Fragoso? Fragoso.

## Opinião

### Um aterro sanitário em Fragoso? Muitas razões para contestar!

O aterro sanitário de Vila Fria fica, em linha recta, a uma distância aproximada de três quilómetros do local proposto por Fragoso. As populações de Viana já estão habituadas aos cheiros, e não se importam de fazer mais um pequeno sacrifício, dirão os cínicos. Observando a localização prevista, o novo aterro fica muito perto daquele que vai fechar. A freguesia de Alvarães vai ficar «entalada» entre dois aterros. Considerando a vastidão do concelho de Barcelos, não deixa de ser curioso que o aterro proposto venha a ser instalado na mesma área do Vale do Neiva, sacrificando novamente as mesmas populações. Só por isso, a oposição ao aterro em Fragoso é justa e justificada.

Mas que local é este, que tanto serve os apetites desta autarquia ribeirinha. É uma área que integra parcialmente e bordeja o «coto

mineiro», centrado em Alvarães e Vila Fria, de onde se extraem óptimos caulinos e lucrativas areias e argilas. Desta área saiu, a partir do século XVIII, o caulino para o fabrico de faianças na Fábrica de Louça de Viana. Depois da exploração ficaram abertos os alvéolos, extensas crateras transformadas em perigosíssimas lagoas de água cristalina, porque ninguém cumpre e faz cumprir a lei! Mas não pode argumentar-se que a construção do aterro é uma boa oportunidade para selar as crateras. A selagem das crateras cabe ao concessionário e não à Resulima. A Resulima utiliza o dinheiro dos contribuintes e não pode aplicá-lo em operações que beneficiem terceiros, procurando resolver um problema que deriva simplesmente do incumprimento da lei. São também questões ambientais aquelas que obrigam a ponderar a construção deste equipamento.

Desde logo, porque o eventual perímetro da área de implantação dista cerca de 500 metros do rio Neiva, considerando os riscos associados à escorrência de águas superficiais e implicações nos níveis freáticos, para além dos odores que sempre acompanham este género de equipamentos.

Este sítio não deixa de ser uma área de alguma relevância patrimonial, sobretudo se considerarmos os diversos elementos arqueológicos em presença. Atesta a importância do sítio o interesse

que suscitou, desde finais do séc. XIX, em estudiosos da matéria, como foi o caso do eminente arqueólogo Martins Sarmiento, entre outros. Também serviu em tempos para acantonamento e treino de tropas, como atesta cartografia de 1795, referenciando o «Campo d'Infia», local de acampamento militar. Resta saber se as entidades públicas estarão interessadas na conservação do património existente, particularmente a mamoá, construção milenar que justifica redobrada atenção.

Eventuais prioridades de investimento público devem ser consideradas numa perspectiva global. Caricaturando o processo em curso, não faz sentido que o caderno de reivindicações possa incorporar a piscina, o quartel, a estrada, o pavilhão, a rotunda ou o centro social da freguesia, ao sabor da vulgaridade que apenas repara na árvore e não consegue

ver a floresta. As populações merecem que lhe resolvam os problemas quotidianos, tantas vezes e há tanto tempo adiados.

Por muitas e variadas razões esta é uma questão que merece ampla discussão, como se espera que venha a acontecer. As autarquias, e por acréscimo as populações, do Vale do Neiva têm que ser solidárias entre si, contestando a localização em Fragoso, simplesmente porque já contribuíram nestes treze anos para resolver o problema colectivo da recolha e tratamento dos lixos domésticos. Queremos um território justo, solidário e coeso. Então, como diz a sabedoria popular, é já tempo de repartir o mal pelas aldeias. O bom senso é ingrediente indispensável ao sucesso desta singular empresa que o município barcelense tem em mãos.

Rogério Barreto, Geógrafo

**Os investimentos públicos têm de ser vistos globalmente(...) e merecer ampla discussão pública**

## Destaque II

Pepetela  
22. 07. 10

Como marca indelével, a assinatura de Pepetela fica registada no Livro de Honra da ACARF. Com «muito orgulho», escreveu o escritor, convidado para estar presente na inauguração dos Encontros Literários. No seu texto, Pepetela considera a iniciativa um «esforço em prol de um melhor entendimento e amizade entre povos diferentes, através da Cultura». Em molde de gesso ficou registada também a sua mão direita, integrando assim a «Parede dos Famosos», no Centro Cultural de Forjães, na qual ficarão inscritas as mãos dos escritores que passarem nos próximos Encontros Literários

Um encontro de **culturas**

Luís Pedro Ribeiro

Forjães viveu momentos únicos. Entre 21 e 22 deste mês, as culturas africana e portuguesa entrecruzaram-se em experiências que passaram pela literatura, a dança e a música, a pintura e a história. Os Encontros Literários, iniciativa da ACARF, acolheram a primeira conferência de um escritor de língua lusófona, o angolano Pepetela. De Angola veio também o grupo Cazzuzu, que pisou o «palco» juntamente com o Grupo Associativo de Divulgação Tradicional de Forjães. **Itinerários da Memória** e **Mercados de África**, duas exposições sobre África. A primeira, promovida pela UNESCO, resgata os tempos do tráfico negreiro, levado a cabo pelos portugueses, enquanto numa colecção excepcional de pintura, pertencente ao forjanense Luís Coutinho, se identificam actuais ambientes africanos de comércio, olhados por pintores locais. Tal como a associação lisboeta Mar Uno (parceira na organização dos Encontros Literários), a ACARF assinou um protocolo com a Comissão Nacional da UNESCO para se constituírem como Clubes daquele organismo da ONU

Livro de Gil Abreu regista tempo presente para memória futura

## Sempre Forjães

«Eu não sou escritor...». Estas palavras de Gil Abreu não soaram a falso quando, no Centro Cultural de Forjães, com elas iniciou o discurso de apresentação do seu décimo quarto livro. **Mais Forjães**, como afirmou, «não é uma publicação para os contemporâneos, mas para os vindouros, que o hão-de apreciar».

Iniciavam-se, assim, no passado dia 21, os Encontros Literários

da ACARF. O lançamento do livro daquele forjanense constituiu um acto de reconhecimento e preservação da memória. Como o autor salienta na introdução, «assim como gostamos de conhecer o património e história locais dos nossos antepassados, também nós, agora, devemos registar, para perpetuar, o que, a vários níveis, se vai realizando no tempo presente». É o que Gil Abreu, in-

cansavelmente, tem feito há mais de uma década. Neste livro, editado pela ACARF, volta a revelar-nos Forjães: os 20 anos de vila, a família de Rodrigues de Faria, o «saudoso» padre Justino, as bodas de prata deste jornal, entre outras temáticas. No final, um inédito: a história de Grácia Josefa Maria do Lado, monja forjanense, nascida na Quinta de Curvos em 1677. Dando-nos a conhecer esta freira, perita em música e Latim, Gil Abreu reabre horizontes na história de Forjães. Da tradição, ficou-nos a «prenda» dos cavaquinhos da Tia Quinhas, actuando no início da sessão.

Mário Robalo



Luís Pedro Ribeiro

José Henrique Brito, presidente da Junta de Freguesia, deu início à apresentação do livro de Gil Abreu (à esquerda de Sandra Bernardino, presidente da ACARF). Rui Pereira, vereador do Município, também esteve presente

PUB

**SAÚTRA-MED**

Serviços de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho, Lda

**MEDICINA DO TRABALHO****Médicas do Trabalho**

Dra. Ana Maria R. Fernandes

Dra. Maria da Luz Braga

Autorização nº 007/2010 da Direcção-Geral de Saúde para a prestação de Serviços Externos de Saúde do Trabalho

**ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA NO TRABALHO****Técnicos de Higiene e Segurança do Trabalho**Eng<sup>a</sup> Elizabeth Dias e outros

Autorização nº 224/03.1.10.1/ACT

Autoridade para as condições do trabalho para a prestação de Serviços Externos de Segurança do Trabalho

**COORDENAÇÃO E GESTÃO DE SEGURANÇA**Rua António Pascoal, nº1 a 3, 4740-233 Esposende  
(frente ao quartel da GNR)

Tlf.: 253 962 987 Fax.: 253 967 609

Email: sautramed@mail.telepac.pt

<http://sites.google.com/site/sautramedlda/home>

**Momento da assinatura** do protocolo entre a Comissão Nacional da UNESCO, a ACARF e a MAR UNO, através do qual as duas associações se tornam Clubes UNESCO. A paz, a cidadania, os direitos humanos, a igualdade, a tolerância e a educação multicultural é um dos objectivos que, a partir de agora, a ACARF passa a promover e difundir, através das acções do seu Clube UNESCO para Interculturalidade. Sandra Bernardino, pela ACARF, e José Albino Oliveira, pela MAR UNO, ratificam (22 de Maio), na presença de Anna Paula Orneche, representante da Comissão Nacional da UNESCO, os princípios humanitários da organização



## A festa da interculturalidade



**O sino da igreja de Forjães** batia as 18, 30h (22 de Maio) quando Pepetela marcava a sua mão no molde de gesso, com o apoio de Sandra Bernardino e Albino Oliveira, sob o olhar atento de José Henrique Brito. Benjamim Pereira, vice-presidente do Município de Esposende, também esteve presente



**Luís Coutinho** (de preto, na foto do lado dto.) era um homem feliz, na apresentação da exposição Mercados de África. Nos diversos países daquele Continente por onde passou, ao serviço da ONU, o forjanense adquiriu obras de arte contemporânea, que agora aceitou mostrar



**O dia da dança.** Nunca em Forjães acontecera nada assim. No Souto de S. Roque, sob um sol brilhante que teimava romper a frescura do arvoredo, os angolanos do Cazzuzu convidaram os forjanenses a atreverem-se a novos movimentos. À noite, foi a vez do folclore da terra partilhar a festa





A pianista esposendense Ana Zão dá um concerto no Forum Rodrigues Sampaio (Esposende), no próximo dia 29 (21,30h). Esta iniciativa (entrada livre) do Município e do Centro de Saúde destina-se a celebrar o «Mês do Coração»

## Destaque II

# Gostaria que os livros ainda fizessem revoluções



O escritor angolano Artur Maurício Pestana dos Santos, conhecido por Pepetela (*pestana* em umbundo), fala da sua literatura, dos seus efeitos na política e do seu desacordo com o acordo ortográfico. Na entrevista a Cláudio Brochado e Diana Martins aborda ainda a atitude anti-histórica dos jovens do seu país *Fotos Luís Pedro Ribeiro*

**Fernando Pessoa dizia que «a língua é a nossa pátria». Sente que a língua portuguesa é a nossa pátria, Pepetela?**

Não, eu penso que não, eu acho que a pátria já passa um bocado disso. É evidente que a língua faz parte da pátria; ligada à língua há toda uma cultura que ultrapassa o sentido dos povos. A pátria é mais a terra de onde uma pessoa acha que vem, não é forçoso que seja a terra onde nasceu, mas onde a pessoa acha que tem mais vínculos. A língua pode fazer parte. Agora, compreende-se na altura o que o Pessoa queria dizer: que se sentia bem na língua portuguesa. Aí estou de acordo com ele...

**Ele usou a expressão «nossa pátria», mas a língua poderia ser a «nossa casa comum»...**

Claro, é o grande factor de unidade e de diálogo de todos os países. **Como é que está a língua portuguesa em Angola?**

Praticamente é falado por toda a gente. Ainda não há dados oficiais, mas do que se sente e pressente, diria que 95 por cento da população percebe e fala português. Em graus muito diferentes de conhecimento: há os que falam bem «tudo», os que falam mal

e as gradações no meio. É a língua com a qual é possível contactar todos os angolanos e em todo o espaço nacional. Agora o que há é um mau ensino da língua portuguesa, sem dúvida alguma. Espero que a reforma escolar contribua para melhorar o ensino da língua. Esse mau ensino da língua faz com que os jovens, alguns com vontade e com talento para escrever, não tenham o instrumento da língua, não conseguindo escrever bem. Isso reflecte-se ao nível da literatura. Uma pessoa lê coisas e percebe-as, está ali alguém com capacidade e com sensibilidade, mas não tem o domínio suficiente do instrumento para o usar.

**E o acordo ortográfico? Fala-se tanto...**

É... (pausa). Eu já estou um bocado farto. Ainda por cima porque tenho uma posição que é quase insustentável. Há os que estão de acordo com o acordo e há os que não estão de acordo com o acordo, porque acham que este acor-

*Não aceitaria voltar a ser ministro. Lutei para me libertar desses cargos e ia agora regressar?*

do muda muitas coisas. Bom, a minha posição é uma terceira: eu não estou de acordo porque acho que muda pouco. Acho que devia ser mais radical, senão não vale a pena. Os livros que estão feitos, escritos com a grafia anterior, continuarão a servir e a ser compreendidos perfeitamente e depois, pouco a pouco, vão ser substituídos pelos outros de nova grafia. A fazer um acordo, fazia-se um radical, isto é, punha-se as pessoas de Timor, Brasil, Angola, Portugal, etc. a escrever da mesma maneira as palavras e cada um depois lia conforme a pronúncia do país. E aí sim, era um acordo ortográfico.

**O que lia o guerrilheiro escritor, na guerra, no mato?**

Era o que se conseguia apanhar. Eu estive em duas zonas completamente diferentes: a primeira era Cabinda, com o Congo ali ao lado, que era o nosso amigo. No Congo era fácil ler literatura, ainda por cima eu dominava bem a língua francesa e não havia problema. Agora, quando fui para o Leste de Angola, a um mês de distância da

fronteira, era o que poderia aparecer. Eu tinha um livro que era a minha Bíblia, **Os Escritos Militares**, de Mao Tsé-Tung, de estratégia. Estava na guerra e tinha que ter material para pensar e ajudou-me várias vezes. Um livro que encontrei por acaso num armazém na fronteira era o último publicado, em vida, por Hemingway, **As Ilhas na Corrente**. Estava em inglês: óptimo. Porque lia devagarinho, devagarinho e aquilo foi durando. Ler o Hemingway no original era óptimo: uma página dava para uma hora, quer dizer, lia e saboreava... Mais tarde, foi publicado em português e realmente não era o mesmo sabor que tinha nesses tempos. Nós, na guerrilha, também tínhamos pouco tempo para ler e escrever...

**Quais são os seus autores favoritos? Depreendo que enquanto escritor lê muito...**

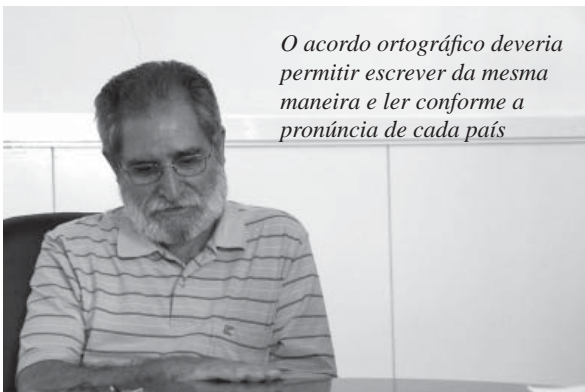
Agora até vou lendo cada vez menos, mas sim vou lendo. Há muitos. Aqueles clássicos todos que

vêm da juventude, o Hemingway, por exemplo, é um deles; ou uma série de brasileiros: Jorge Amado, o João Luís do Rego, o Garcia Leandro... O Guimarães Rosa foi mais tarde. Os outros ajudaram na juventude a aprender a fazer diálogos e descrições. Descobri mais tarde os franceses: Camus, (Simone de) Beauvoir, Yourcenar, Sartre. Mais recentemente, Umberto Eco. Também li o Dan Brown para saber como se faz um «best-seller», mas não aprendi muito (**risos**). Alguns portugueses também e brasileiros mais modernos, como o Aldo Ribeiro. Vá lá, deram-lhe o Prémio Camões, há pouco tempo, mas pronto. Critérios de júri! Já deviam ter dado há muito mais tempo. Eu fiz parte do júri e não consegui dar-lhe o Prémio...

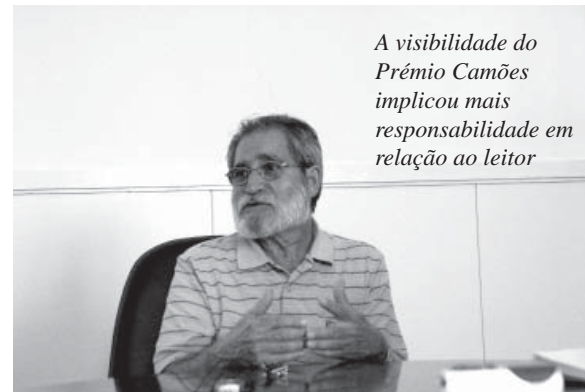
**Acha que por ter recebido o Prémio Camões (1997) ganhou mais responsabilidade enquanto escritor?**

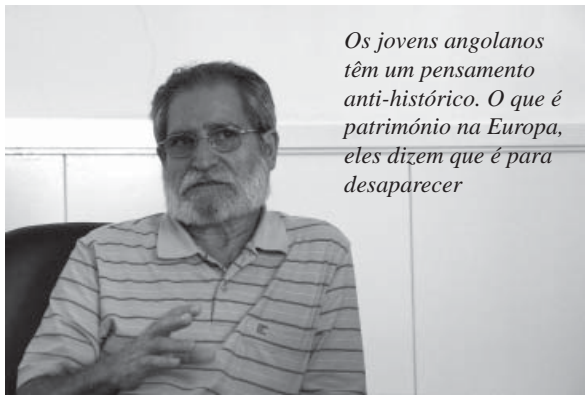
Eu acho que não. Acho que a responsabilidade é a mesma. Em Portugal tive maior visibilidade e, nesse sentido, maior visibilidade implica talvez mais responsabilidade em relação ao leitor. Talvez... Mas acho que

*O acordo ortográfico deveria permitir escrever da mesma maneira e ler conforme a pronúncia de cada país*



*A visibilidade do Prémio Camões implicou mais responsabilidade em relação ao leitor*





Os jovens angolanos têm um pensamento anti-histórico. O que é património na Europa, eles dizem que é para desaparecer

a responsabilidade do escritor é a mesma, deve ser a mesma, deve sempre ser a mesma responsabilidade e exigência que, talvez, eu não tivesse nos primeiros livros porque escrevia para mim, não estava muito preocupado. A partir do momento em que vou publicar, aí tem que ser o máximo de exigência. Conseguir-se ou não, aí já é outra história...

**Os temas dos seus livros são todos diferentes uns dos outros. Mayombe é muito diferente de O Cão e os Caluandas; também O Quase Fim do Mundo é muito diferente de O Planalto e a Estepe. Porquê essa heterogeneidade?**

É, eu tento não me repetir. É claro que não será possível sempre e haverá coisas que são comuns e que se mantêm em 80 por cento dos meus livros: a nacionalidade, o tema da identidade nacional que é fundamental, essa contradição/ligação entre tradição e modernidade, problemas sociais e problemas da sociedade, são praticamente comuns a todos eles. Mas tento fazer um bocado diferente um do outro, exactamente para não ser o que se chama «o escritor de um livro só», que está sempre a escrever o mesmo livro, mas vai publi-

cando com títulos diferentes e nomes diferentes...

**O próprio estilo narrativo é diferente de livro para livro. Tem a preocupação de reinventar o estilo da narrativa?**

Ou, pelo menos, tenho a preocupação de não seguir o mesmo estilo, e então tudo depende muito da primeira frase. A primeira frase marca o ritmo e é evidente que é muito estudada, porque tem a ver com o tema. A partir daí tenho um certo... (pausa) chamemos-lhe estilo, se quisermos, que vou tentando manter. Ainda por cima, gosto muito de brincar com narradores. Os académicos que depois têm que ler os livros, eu gosto muito de brincar com eles e fazer provocações, o que faz com que o livro pareça um bocado diferente. Às vezes tenho vários narradores, mudo de narradores. Ainda não matei um narrador. Já demiti, mas ainda não matei um narrador. Acho que qualquer dia vou matar um narrador.

**Acha que a sua literatura pode funcionar como contra-poder à elite instalada em Angola?**

Gostaria muito. Mas acho que não. A literatura hoje já não tem a força que já teve. Porque hoje há outros meios de comunicação com mais impacto, como a televisão. Talvez não consiga isso. Mas agora que gostaria, sim. Aliás eu costumo dizer às pessoas próximas do poder: «Não sei porque

estão com tanto medo desse livro ou de outro livro». Essa coisa do livro fazer uma revolução, isso foi no tempo da revolução chinesa.

**Portanto a literatura angolana não tem, neste momento, capacidade para influenciar as elites? Ou as elites passam desfasadas disso?**

Eu tenho impressão que uma parte das elites lê e compreende. A literatura acaba por não influenciar muito. Confirma o que já pensam e quando é uma crítica dizem: «Isto não é para mim, é para o vizinho».

**E poderia servir de «cavalo» para as classes menos favorecidas poderem reverter a sua situação?**

Em parte sim, para manter a esperança, manter o optimismo. Nós somos por natureza optimistas, manter esse optimismo é dizer que as coisas vão mudar. Aliás, eu tenho sempre a preocupação de pôr um final qualquer que pode ser muito catastrófico, mas há uma porta aberta sempre lá. Isso é de propósito, para chamar a atenção da nova geração, que pode avançar por aí.

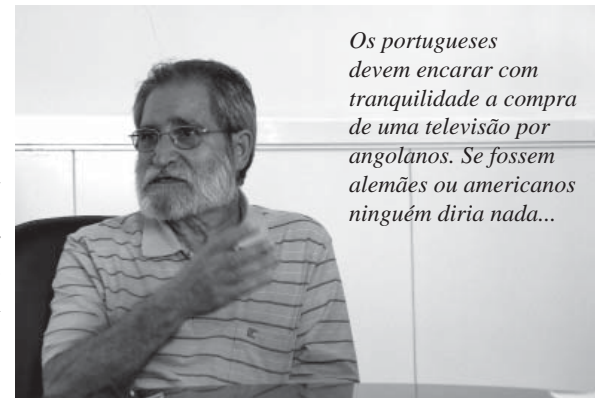
**Foi guerrilheiro e lutou pela independência do seu país. Sente o seu país independente?**

*Nos meus livros coloco sempre uma porta aberta para o optimismo, para chamar a atenção dos jovens*

Em algum aspecto sim. Hoje os angolanos têm uma auto-estima. Angola existe, está criado o país. Foi a partir dessa luta, e do resto que tem acontecido até hoje, que primeiro são angolanos e depois é que são do norte ou do sul, ou fala esta língua ou aquela. Mas, em primeiro, são angolanos, sem dúvida alguma. Por vezes, sobretudo na população da costa mais virada para o Atlântico, Europa, América, Brasil, há até um orgulho talvez exagerado. Com grande desprezo do interior, quer dizer dos outros países africanos. Aliás, nós somos muito criticados, em África, por isso.

**Enquanto sociólogo como sente a relação entre os angolanos e a sua história recente, a história colonial e a história pré-colonial?**

É uma reflexão que tenho vindo a fazer ultimamente. Quem me chamou a atenção foram alguns jovens e eu fiquei realmente preocupado com esse aspecto. Esses jovens, um daqui outro lá, de sítios e tempos diferentes, disseram: «A nossa história é tão triste; colonização, escravatura, tráfico de escravos, guerras civis, etc. Era melhor esquecer isto tudo, não queremos saber nada da história». Dou um exemplo: um palácio que fora muito destruído, foi entretanto reconstruído. Houve jovens que disseram: «Isso é um palácio símbolo da escravatura...». Ora, o



Os portugueses devem encarar com tranquilidade a compra de uma televisão por angolanos. Se fossem alemães ou americanos ninguém diria nada...

que é considerado património na Europa, para aqueles jovens era um património para desaparecer. Eu insisto e acho que é necessário conhecer o passado, a identidade colectiva. Mas pelos vistos este pensamento anti-histórico é mais generalizado daquilo do que eu pensava. A primeira vez que o ouvi, pensei: «Este jovem está delirando». Agora, ouvindo segunda, terceira, quarta vez, isto é um problema grave. É uma relação muito ambígua com a história.

**Nos últimos tempos, falou-se do controlo do semanário SOL por parte de empresários angolanos. Como é que vê o facto das elites angolanas investirem em Portugal?**

Os portugueses devem ver isso com tranquilidade. Se fossem americanos ou alemães ninguém diria nada. Há espanhóis que têm uma televisão aqui, a TVI. Se alguns angolanos comprarem metade da TVI isso vai provocar alguma coisa?

**Sonha com o Prémio Nobel?**

Não. A trabalhadeira que isso ia dar. Não, de todo...

(ver entrevista integral em [www.acarf.pt](http://www.acarf.pt))

## Editorial



**1** A Constituição Portuguesa – uma das mais avançadas no quadro comunitário europeu – consagra que «todos os cidadãos têm o direito de ser esclarecidos objectivamente(...) acerca da gestão dos assuntos públicos». A razão desta referência resulta da desordem que ressalta das declarações feitas pelos responsáveis (políticos e técnicos), quando se pretende saber alguma informa-

ção sobre a instalação do futuro aterro da RESULIMA.

No próximo ano, o município de Barcelos tem o encargo de disponibilizar, no seu território, um espaço para o tratamento de lixos dos seis concelhos integrantes daquela empresa. Mas, quando se pretende conhecer e ser esclarecido, conforme consagra o direito constitucional, o que se escuta são respostas evasivas, por vezes mesmo contraditórias (ver reportagem págs. 2-3). A construção de um aterro sanitário é um assunto público, porque implica com o bem-estar colectivo. E não basta aludir ao facto de que o assunto será objecto de discussão pública...

Se os cidadãos não devem ser olhados, por quem faz a gestão da coisa comum, apenas como números para contabilidades eleitorais, também é certo que cabe a cada um de nós cuidar e lutar pelo direito à dignidade. Apenas uma freguesia (Alvarães) se mobili-

zou em torno de uma comissão de luta, que pretende ser devidamente esclarecida. Talvez ainda não tenhamos aprendido a «conjugação» o direito à cidadania...

**2.** Forjães teve a honra de ser visitada, neste mês, por um dos mais prestigiados escritores de língua portuguesa. No âmbito dos Encontros Literários – uma iniciativa que a ACARF pretende levar a cabo anualmente, trazendo à terra um escritor do arco lusófono –, foi possível enriquecer a nossa mundividência. O angolano Pepetela, Prémio Camões, conviveu e dialogou, com a mesma simplicidade, com crianças e adultos. O mérito desta acção pertence à ACARF e à Mar Uno, que se tornaram membros da rede dos Clubes UNESCO (ver textos págs. 4 - 7). Conhecer novos pensamentos e outros sonhos tornam o nosso quotidiano mais humano. E a Cultura torna-nos mais pessoas...

Mário Robalo

## À margem

**A**lgures nestas páginas se escreverá que «a língua é a nossa casa», o nosso refúgio comum e onde todos nos encontramos, a mesma língua que nos aproxima de pessoas a milhares de quilómetros de distância em África, na América do Sul, num recanto China ou nas florestas de Timor, mas também a que persiste em afastar o nosso vizinho de Espanha. A nossa língua é a nossa casa. E essa casa está necessitada de obras urgentes de conservação.

Cada erro ortográfico, cada mensagem ou comunicação abreviada em símbolos-que-não-são-palavras, cada expressão inglesa metida a ferrar no discurso termos técnicos desnecessários ou para tornar a conversa mais actual, cada expressão francesa de duvidosa eloquência a descrever situações para as quais existem expressões portuguesas, são ocorrências do nosso quotidiano e são agressões, verdadeiros actos de vandalismo contra as pare-

des do nosso edifício linguístico. E profanar a língua é destruir a nossa cultura.

O acordo ortográfico que entrou em vigor em Janeiro de 2009 servirá para aperfeiçoar o Português, mas há de questionar o porquê deste «acerto». As alterações à grafia do Português são cíclicas e traduzem a evolução própria da língua. Nos inícios do século XX, por exemplo, escrevia-se *pharmacia* e *sciência*; até 1990 escrevia-se *deshumano*.

A questão põe-se: eram assim tão diferentes as línguas da lusofonia? Ou é para se aproveitar do facto do Brasileiro (o termo não é meu) ser uma das línguas mais utilizadas na Rede? Enquanto ressoa o eco longínquo do Império caído da quinta língua mais falada no mundo, vai-se cavacando a nossa identidade.

Eu não sei ler esse português e vai-me ser muito difícil habitar nesta casa.

Cláudio Brochado

## Comunidade paroquial



O galardão de «Mérito Bracarense» foi atribuído à Arquidiocese de Braga, no dia 14, por votação popular, através de jornais diários da cidade

## Celebrar o mês de Maio

Na sequência das celebrações pascais, tão ricas de significado teológico e litúrgico, apraz-me trazer à vossa consideração alguns pontos de reflexão pastoral, com aplicação prática no mês de Maio, devocionalmente dedicado a Maria pelos nossos cristãos, junto dos quais adquiriu foros de tradição secular. No dizer de João Paulo II, a «piedade popular não pode ser ignorada nem tratada com indiferença ou desprezo, porque é rica de valores e já, de per si, exprime a atitude religiosa perante Deus». É, pois, com muita alegria e esperança que, todos poderemos obter da celebração do mês de Maio, vivido, com amor e devoção filial, em honra de Maria.

*O mês de Maio no tempo pascal* - Importa ter em consideração que o tempo pascal está centrado, de modo particular, nos mistérios do Senhor ressuscitado. Maria não é concorrente de seu Filho e anda profundamente ligada ao mistério da Páscoa e do Pentecostes. Além disso, é muito bom que os fiéis se dêem conta da função de Maria, glorificada junto de Deus, a desempenhar um amoroso papel de Mãe, aqui e agora, na terra, por ocasião da própria celebração dos sacramentos da Iniciação.

*O mês de Maio e a devoção mariana* - O mês de Maio, entre nós, portugueses, é popularmente conhecido, no ambiente cristão, como o «mês de Maria». Esta prática devocional remonta ao século XVI, mas é, sobretudo, a partir do século XVIII que ela mais se desenvolve. Temos um mês, dedicado, popularmente, a Maria. Importa valorizá-lo como prática devocional, enriquecendo-o com elementos bíblicos e litúrgicos e enquadrando-o no tempo pascal em que ele se situa.

*O mês de Maio e a devoção do Rosário* - Na devoção a Nossa Senhora praticada durante o Mês de Maria, teve sempre grande incremento, entre nós, a recitação do



Terço. O Papa João Paulo II, veio dar um novo impulso a esta prática de devoção mariana, ao instituir o Ano do Rosário e ao fornecer-nos preciosos elementos para a sua valorização bíblica, teológica, espiritual, comunitária e familiar. Por tudo isto, entendi dever dizer uma palavra, aos cristãos, no sentido não só de estimular a recitação do Terço, mas também de dar um impulso à celebração comunitária e familiar desta devoção.

*A importância do Rosário* - A oração do Rosário não é prescrita aos cristãos, sob a forma de preceito. É devoção e é como devoção que deve ser praticada. Mas é uma excelente oração, da qual, de modo livre, nenhum cristão deveria dispensar-se. A gratuidade desta forma de rezar deveria induzir-nos a praticar esta devoção com toda a tranquilidade de espírito, atraídos apenas «pela sua beleza intrínseca».

É bom, é mesmo muito bom, rezar em sintonia com as recordações de Maria e com o olhar da Mãe do Senhor. Como oração devocional, o Rosário pode ser rezado a sós, em família, em grupos, em movimentos associativos, em pequenas comunidades, de forma comunitária (nas paróquias). Neste mês de Maio, recomendo vivamente aos Pastores que fomentem a

sua recitação a todos estes níveis, e exorto-os à criatividade de formas, e ao aproveitamento das mais variadas oportunidades existentes na vida das nossas comunidades paroquiais.

«Recitar o Rosário nada mais é senão contemplar, com Maria, o rosto de Cristo» (RVM 3). O Papa lembra-nos algumas das características desse olhar contemplativo de Maria sobre Jesus: no templo, o seu olhar é de interrogação; em Caná, é um olhar de penetração no coração do Filho e nas necessidades humanas; no Calvário, é um olhar de dor; na Ressurreição, é um olhar de júbilo; no Pentecostes, é um olhar de ardoroso zelo apostólico. Mas, ao mesmo tempo que, pela contemplação dos mistérios se vai penetrando, com o olhar da fé, nestes, e noutros que o Rosário nos proporciona contemplar, esta forma de rezar, meditando, faz-nos reviver, com Maria, a presença de Cristo. E Maria, ao recordar os mistérios de seu Filho, revia-os pela memória, fixava-os, configurava-se a eles, dirigia-se ao Filho em súplica, e partia para a vida, anunciando-O. O Rosário é, de facto, uma oração cristológica.

*A oração do Rosário, no mês de Maio* - A oração do Rosário não é prescrita aos cristãos, sob a forma de preceito. É devoção e é como devoção que deve ser praticada. Mas é uma excelente oração, da qual, de modo livre, nenhum cristão deveria dispensar-se. A gratuidade desta forma de rezar deveria induzir-nos a praticar esta devoção com toda a tranquilidade de espírito, atraídos apenas «pela sua beleza intrínseca». Como oração devocional, o Rosário pode ser rezado a sós, em família, em grupos, em movimentos associativos, em pequenas comunidades, de forma comunitária (nas paróquias). Neste mês de Maio, recomendo vivamente aos Pastores que fomentem a sua recitação a todos estes níveis, e exorto-os à criatividade de formas, e ao aproveitamento das mais variadas oportunidades existentes na vida das nossas comunidades paroquiais (...)

**D. Manuel Madureira**

## Procissão de velas em Forjães

**Dia 29 de Maio (21,15h), vamos em Procissão de Velas, desde o Lugar do Matinho, até à igreja Matriz**

Em Mês de Maria, e com o nosso coração em festa, acompanhemos a Mãe, a quem chamamos Maria, para podermos realizar esta acção de fé; um louvar a Deus e pedir-lhe a sua alma, por intermédio de Nossa Senhora. Peregrinar é converter-se. Recordemos o pedido mais importante deixado por Nossa Senhora na 6ª aparição em 13-10-1917: «É preciso que se emendem e peçam perdão dos vossos pecados e não ofenda mais a Deus Nosso Senhor

que já está muito ofendido».

Toda a Catequese Paroquial deve estar presente nesta Procissão de Velas, exprimindo na sua participação, a alegria de ver em Maria, aquela que atende as suas e nossas preces. Convidamos as crianças, adolescentes e jovens, a trazerem uma flor do jardim para, chegados à igreja Matriz, seja entregue à Virgem de Nazaré, Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe!

**Pe. José Ferreira Ledo**

## Datas e vivências comunitárias

Celebração da Palavra (4º Ano), dia 30 de Maio, às 11,15h.

Festa da Eucaristia/Primeira Comunhão (3º Ano), dia 6 de Junho, às 11,15h.

Festa de Nossa Senhora das Graças: No dia 13 de Junho e na Capela de Nossa Senhora das Graças, celebraremos a Missa de Festa, às 11,15h.

Festa da Profissão de Fé/Festa do Credo (6º Ano): No dia 20 de Junho, às 11,15h.

Encerramento da Catequese, dia 27 de Junho/2010, às 11,15h.

Celebração da Confirmação/Crisma, dia 3 de Julho/2010, na igreja Paroquial de Belinho, às 15h. Para as paróquias de Belinho, Forjães, Vila-Chã, Mar e Marinhas.

### Baptismos

**01/05** - Gabriel Martins Araújo, filho de Pedro Ricardo Coutinho Araújo e de Sandra Cristina Ferreira Martins.

### Matrimónio

**01/05** - Aníbal Renato Lima Pereira e de Loreto Arezes do Casal, ele, de Palmeira de Faro, e ela, de Forjães.

### Óbitos

**26/04** - Albertina de Sá, 93 anos, Lar de Stº António, Forjães.

**15/05** - José Maria da Silva Cruz, 64 anos, Madorra, Forjães.

**18/05** - Maria Paulina Ferreira da Costa, 49 anos, Forjães.

### AGRADECIMENTO



Armindo Jaques da Costa

**Nasceu:** 27/01/1960

**Faleceu:** 10/05/2010

A família agradece as manifestações de solidariedade de todos quanto os acompanharam em momento tão doloroso. Obrigado.

## Caminhos

### Viver em confiança



**A comunidade ecuménica de Taizé (França) propõe-nos a seguinte reflexão:**

Jesus contou numa parábola: «O semeador saiu para semear. Enquanto semeava, algumas sementes caíram à beira do caminho: e vieram as aves e comeram-nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde não havia muita terra: e logo brotaram, porque a terra era pouco profunda; mas, logo que o sol se ergueu, foram queimadas e, como não tinham raízes, secaram. Outras caíram entre espinhos: e os espinhos cresceram e sufocaram-nas. Outras

caíram em terra boa e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; e outras, trinta. Aquele que tiver ouvidos, oiça!» (Mateus 13,3-9)

Jesus escolhe uma imagem do dia-a-dia para nos explicar a nossa relação com Deus. É como se Jesus nos dissesse: Deus dá a todos, sem medida. Tudo o que Deus pode fazer é dar vida. Ele dá esse amor constantemente.

A verdadeira questão que esta parábola nos traz é: como podemos receber o que Deus nos dá? Afinal, uma semente não cresce apenas por si própria. Precisa de encontrar o solo conveniente para

dar fruto.

Em nós e no nosso mundo, há muitos obstáculos que obstruem a comunicação e o crescimento da vida de Deus, do seu amor. As más experiências do passado podem endurecer-nos e fazer-nos duvidar da bondade de Deus.

Mas as provações também podem tornar-nos menos auto-suficientes, mais disponíveis para acolher o que vem de outros lados. Às vezes, podem ajudar-nos a avançar para uma vida melhor. Deus surpreende-nos sempre. As crianças gostam de surpresas, mas os adultos nem sempre as

apreciam imediatamente. Mexem com os nossos hábitos, deixamos de ter o controlo total das coisas, põem-nos sobre um caminho que nos leva ao desconhecido. Mas se nunca nos deixamos incomodar, como podemos descobrir a vida inesperada que Deus nos oferece?

Esta vontade de acolher aquilo que não controlamos chama-se a confiança. E quando o dom de Deus encontra um coração que confia, tudo se torna possível. É a isso que a parábola chama dar fruto ao cêntuplo. O universo inteiro é como que recriado pelo sim de um coração que confia.



Publicidade

**AUTO DETALHE**  
A reparação e manutenção

MANUTENÇÃO DE PNEUS  
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMPRESAS  
CONSULTE-NOS

<b>mecânica</b>   mecânica geral reciclagem de discos e caixa de trovis	<b>electricidade</b>   sistema eléctrico instalação / auto rádio / sons	<b>ar condicionado</b>   sistemas antigos e actual de congelamento e recarga de GASEOS ESPECIAIS PARA CARRANOS
<b>chaparia</b>   banco de alinhamento de chassis	<b>pneus</b>   vícios, modelagem, calagem	
<b>pintura</b>   estofos de pintura aliquação de cor computadorizada	<b>manutenção</b>   limpeza de interiores e exteriores lavagem de estofos	

Rua dos Barreiros, 164 - 4740-439 Forjães - Esposende  
Tel. 253 877600 / 253 877 601 Fax 253 877 602 - Tm. 965 017 006

**O TEAR**

- TÊXTEIS LAR COELIMA E OUTRAS
- LINGERIE TRIUMPH, SLOGGI, SIMEL
- TUDO EM ROUPAS INTERIORES, MEIAS E COLLANTS
- PERFUMES VÁRIAS MARCAS
- PEÇAS DECORATIVAS E UTILITÁRIAS
- LINHOS, LOUÇAS DE VIANA, CRISTAIS, ETC

REPRESENTANTE DAS MARCAS TRIUMPH, SLOGGI, E COELIMA

RUA DE PINHEIRO Nº 163, S.ROQUE - FORJÃES Telefone: 253872699

Confeitaria **marbela** BOMBONARIA

ARTE EM DOCE

ESPECIALIDADES DA CASA E REGIONAIS  
QUALIDADE • TRADIÇÃO • INOVAÇÃO

Rua 1.º de Dezembro, 71 • Telefone 253963274 • 4740-226 ESPOSENDE

CONFEITARIA PRIMOROSA:  
Praça do Município, 7 • Telefone 253961563 • 4740-223 ESPOSENDE

de José Manuel da Cruz Torres

**ALTA MIRA**  
Moda Jovem

Visite-nos

Qualidade invejável - Preços imbatíveis

Boucinho - Forjães - Tel - 253 87 16 87

**CAFÉ NOVO**  
de Domingos T. Cruz

- Café Snack Bar
- Distribuidor PANRICO
- Agente Totoloto - Totobola - Joker- Euromilhões

Rua 30 de Junho - 4740 Forjães  
253 87 21 46

Hélder Vieira  
tel. 984 367 772 | 911 122 171

**carne paladino**

Rua Horácio de Queirós  
Loja 126 | 4740-444 | Forjães | ESP

**SANILUZ**  
energias renováveis

- Energia solar fotovoltaica
- Energia solar térmica
- Energia geotérmica
- Energia aerotérmica

Rua da Corujeira, n.º470, Forjães  
4740-442 - Esposende  
Tel. / Fax: 253 877 135  
e-mail: saniluz@gmail.com

**PSA**  
Padaria e Pastelaria S4

de Francisco Sá

Fabrico diário de todo o tipo de pão; pizzas; bolos de aniversário e casamento; pastelaria sortida e doce regional

Rua da Calça, n.º 74 - Forjães  
Telefone: 253 87 15 94

**O FORJANENSE**

25 ANOS É MUITO TEMPO,  
MUITAS NOTÍCIAS E...  
MUITAS LEITURAS

DIVULGUE O JORNAL DA NOSSA TERRA

**CASA PEREIRA**  
Tel - 253 87 17 10

Drogas - Ferragens, etc  
Tudo para Casa e Jardim  
Venda de árvores de fruto

**Instituto Português da Juventude**

Rua Santa Margarida, 6  
4700 Braga

Tel. 253 204250 // Fax 253 204259

Com o apoio: Programa de Apoio as Associações Juvenis (PAAJ)  
email: ipj.braga@mail.telepac.pt //http.wwwsejuventude.pt

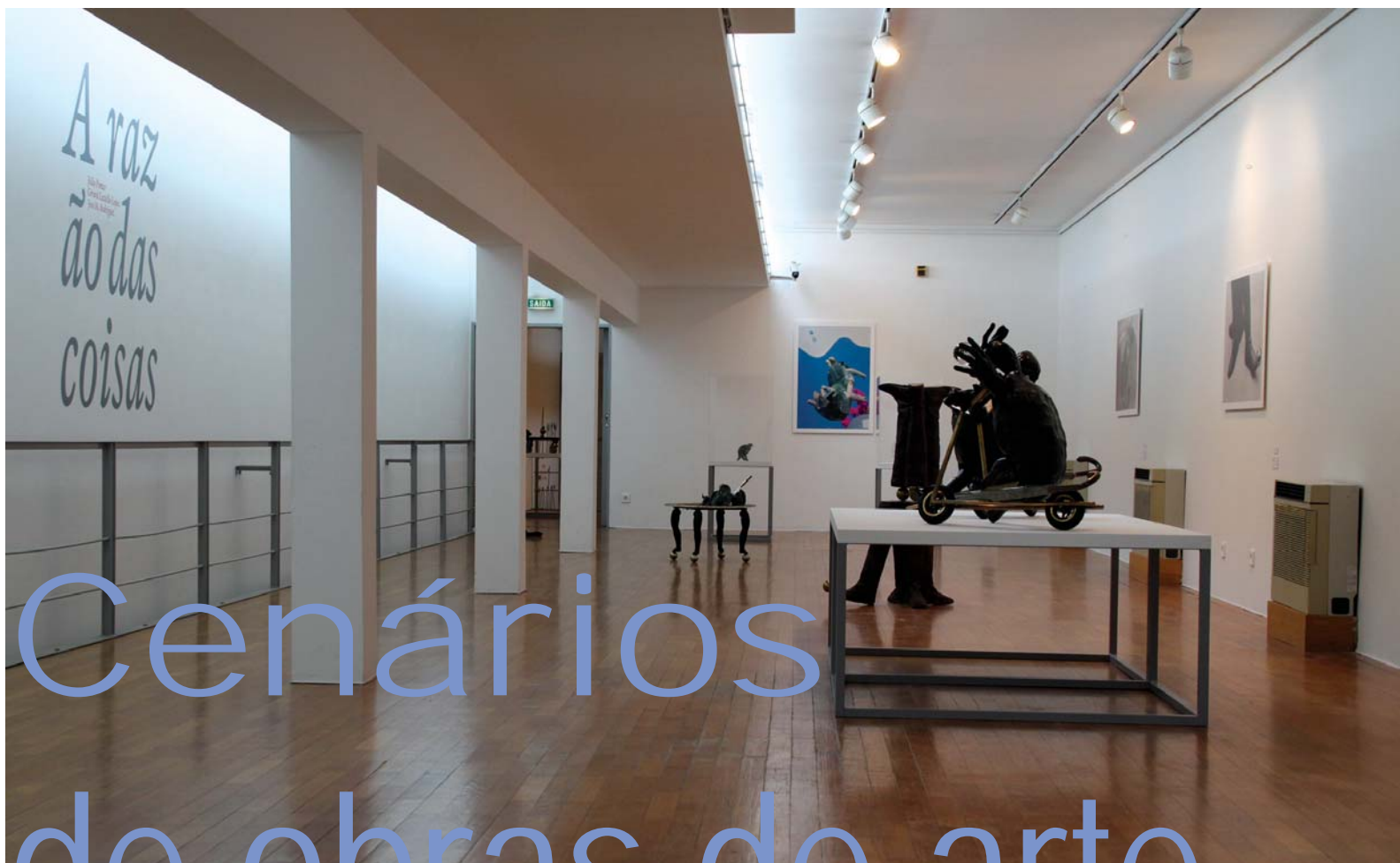
A louça preta de Bisalhães (Vila Real), ainda produzida por processos artesanais, desde a extracção do barro à cozedura em fornos de lenha, está exposta, até 30 de Outubro, no Salão Nobre da Câmara de Barcelos (todos os dias: 9,30h-12h; 14h-17h)



Uma exposição, reunindo esculturas de Júlio Pomar e fotografias de Gérard Castello-Lopes e José M. Rodrigues, está patente no Museu de Arte e Arqueologia, em Viana do Castelo, até 5 de Setembro.

A razão das coisas foi organizada a partir de «assemblages» e esculturas do pintor, numa convivência com as fotografias, tornados objectos de arte, enquanto continuação de uma história, que pode nunca ter fim

Textos Ricardo Brochado  
Fotos Luís Pedro Ribeiro



# Cenários de obras de arte

Júlio Pomar nasceu em 1926 e desde cedo se relacionou com o mundo da arte. Aos oito anos inscreve-se na Escola de Arte Aplicada António Arroio, em Lisboa, e, em 1942, na Escola de Belas Artes de Lisboa. Mais tarde, assume-se como artista de intervenção, ingressando no Movimento de Unidade Democrática, onde assumiu uma posição de contestação ao regime de Salazar.

Recolhendo influências do espanhol Goya e de Orozco e Diego de Rivera, ambos muralistas mexicanos, e de escritores afectos ao Partido Comunista Português como Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes, tornou-se um dos principais nomes do neo-realismo na pintura portuguesa. As suas composições passam pela pintura, escultura e ilustrações, destacando-se, há muito, como um dos nomes maiores da arte europeia.

Gérard Castello-Lopes nasceu em Vichy, França, em 1925, tendo vivido em Lisboa, Cascais e Estrasburgo decidindo fixar residência em Paris. Por volta de 1956 passa a dedicar-se à fotografia. Começando como autodidacta, aprende a técnica fotográfica em revistas e livros da especialidade. Tem o francês Henri Cartier-Bresson, iniciador do fotojornalismo, como uma das suas maiores influências. Trabalhou em cinema e fundou o Centro Português de Cinema. Entre 1991 e 1993 foi presidente do júri do Instituto Português de Cinema.

José M. Rodrigues nasceu em Lisboa em 1954. Viveu em Paris o «Maio de 68», radicando-se na Holanda onde

estudou fotografia. E, em 1982, foi galardoado com o Prémio de Fotografia Criativa pelo Conselho para as Artes de Amsterdão. Em Portugal, dezassete anos depois, recebeu o Prémio Pessoa, atribuído pelo semanário EXPRESSO, pelo conjunto da sua obra e pela sua contribuição às artes de Portugal.

As «assemblages» – reunião de vários elementos de forma a criar uma composição artística – de Júlio Pomar foram criadas na década de 70 do século passado e são constituídas por peças que o artista encontrava na praia, durante as suas caminhadas. «Chegava a casa, dispunhas no chão e tentava encontrar uma forma de elas se exprimirem, que criassem uma cadeia de relação entre elas», sublinha o pintor. O que nos é dado ver nesta exposição, são bocados de madeira, pernas de bonecas, latas de refrigerantes espalmadas e enferrujadas que encontraram uma nova identidade na reunião com outros objectos. Neste processo de criação, Pomar refere a sua admiração pelo comportamento dos cães: «Na altura tínhamos um cão que andava lá por casa. Eu colocava as peças no chão e ia-lhes mudando as posições. É interessante que o cão rondava mas nunca tocava em nada; é claro que se fosse um gato tinha mexido em tudo».

As esculturas dispensam apresentações. São uma mistura fantástica de elementos, como acontece na representação do conto da lebre e a da tartaruga, transportando-nos para um ambiente onírico da ficção pura, onde nada

é o que parece ser.

Cada fotografia de Gérard Castello-Lopes é uma dúvida que se entranha no espectador. É assim que o fotógrafo reinterpreta as formas de Júlio Pomar, criando histórias. As reais dimensões da peça retratada são uma ilusão completa, como no caso de «L'Ermite dans sa grotte, dit aussi Diogène au tonneau». Por vezes, acrescenta elementos que enriquecem a escultura, fazendo-a crescer com movimento ou com uma leitura mais simplificada. Uma camisa por vezes é o suficiente...

José M. Rodrigues preferiu as «assemblages». A sua técnica a preto e branco é simplesmente sublime, tal como o é a forma como consegue incorporar as peças com o fundo que escolhe para fotografar. Algumas das fotografias obrigam o espectador a questionar se não está perante um quadro a preto e branco em que tudo está combinado de forma perfeita. Numa delas, em que o cenário é um chão coberto de folhas, a combinação é tão perfeita que, sem dúvida, se conseguiu uma nova obra de arte.

Todas as obras foram fotografadas sem intromissão de Júlio Pomar. A escolha das peças partiu de Gérard Castello-Lopes e José M. Rodrigues. E citando uma última vez o pintor: «Conseguiram criar umas outras tantas obras de arte».

Museu de Arte e Arqueologia  
Largo S. Domingos - Viana do Castelo  
De 3ª a Domingo, 10h - 13h / 15h - 19h



A Cultura não é só feita de pintura, fotografia, escultura, livros ou cinema. É também gastronómica. E esta exposição pode levar-nos a (re)descobrir, em Viana do Castelo, um dos seus melhores tesouros: as bolas de berlim da Confeitaria Natário. Na rua Manuel Espregueira, à Praça da República, encontram-se, há mais de oito décadas, as melhores bolas de Berlim do mundo... e bem melhores até que as da capital que lhe deram o nome.

Mas não são só as bolas que dão a fama à casa Natário. Além das frigideiras e dos manjericos, o pão de ló já teve «honras de Estado»: o escritor Jorge Amado levou-o como presente para José Sarney, quando era presidente do Brasil. O cidadão Sarney ficou cliente! A gastronomia permitiu ainda que se fizesse um bom casamento: Manuel Natário, o já falecido patriarca da família, serviu de inspiração para o escritor brasileiro criar a personagem Natário da Fonseca no livro **Tocaia Grande**.



# Teatro na EBI de Forjães

No dia 16 de Abril, pelas 20:30h, realizou-se na EBI de Forjães uma iniciativa aberta a toda a comunidade e desenvolvida pelos cursos EFA de Nível Secundário desta escola. A noite começou com uma demonstração de danças de salão apresentada por alunos da Escola de Dança Populum de Braga, que semanalmente ensaiam na nossa escola.

De seguida, os alunos dos cursos EFA NS apresentaram uma peça de teatro denominada "A Última Oportunidade". Esta peça de teatro foi totalmente concebida por estes alunos, incluindo texto dramático, cenários, guarda-roupa e toda a logística envolvente.

A peça começa com as preocupações de um Primeiro-Ministro confrontado com um grande número de problemas. Durante um sonho virtual, ele vai viajando pelo Mundo e pela História, conversando com alguns dos homens que mudaram o Mundo (tais como, Aristóteles, Galileu, Mendel, Darwin, etc), numa tentativa de resolver os seus problemas. No entanto, isso só acontece quando ele acorda e vê nos Cursos de Educa-

ção para Adultos a solução para os seus problemas.

No final da actuação, a opinião era geral: a peça de teatro foi muito bem conseguida, com muitos momentos cómicos misturados com crítica social e alguns apontamentos de poesia.

Seguiu-se a entrega de diplomas a uma turma de finalistas dos Cursos EFA NS e o

habitual lanche/convívio aberto a todos os presentes.

Mais uma vez, os Cursos EFA da EBI de Forjães proporcionaram a toda a comunidade uma noite muito



agradável e interessante, mostrando ao público em geral o fruto do seu trabalho. Desta forma, os cursos EFA são, não só uma nova oportunidade para todos aqueles que sonham voltar a estudar, mas também um núcleo que fomenta o enriquecimento cultural de toda a comunidade de Forjães. Por tudo isto... Parabéns!

Profª Fabíola Silva

# Semana da Informática

A Semana da Informática realizou-se na segunda semana de Maio. Foi um evento organizado pela turma CEF - Operador de Informática e contou com a visita de todas as turmas do Agrupamento de Escolas Terras do Baixo Neiva.

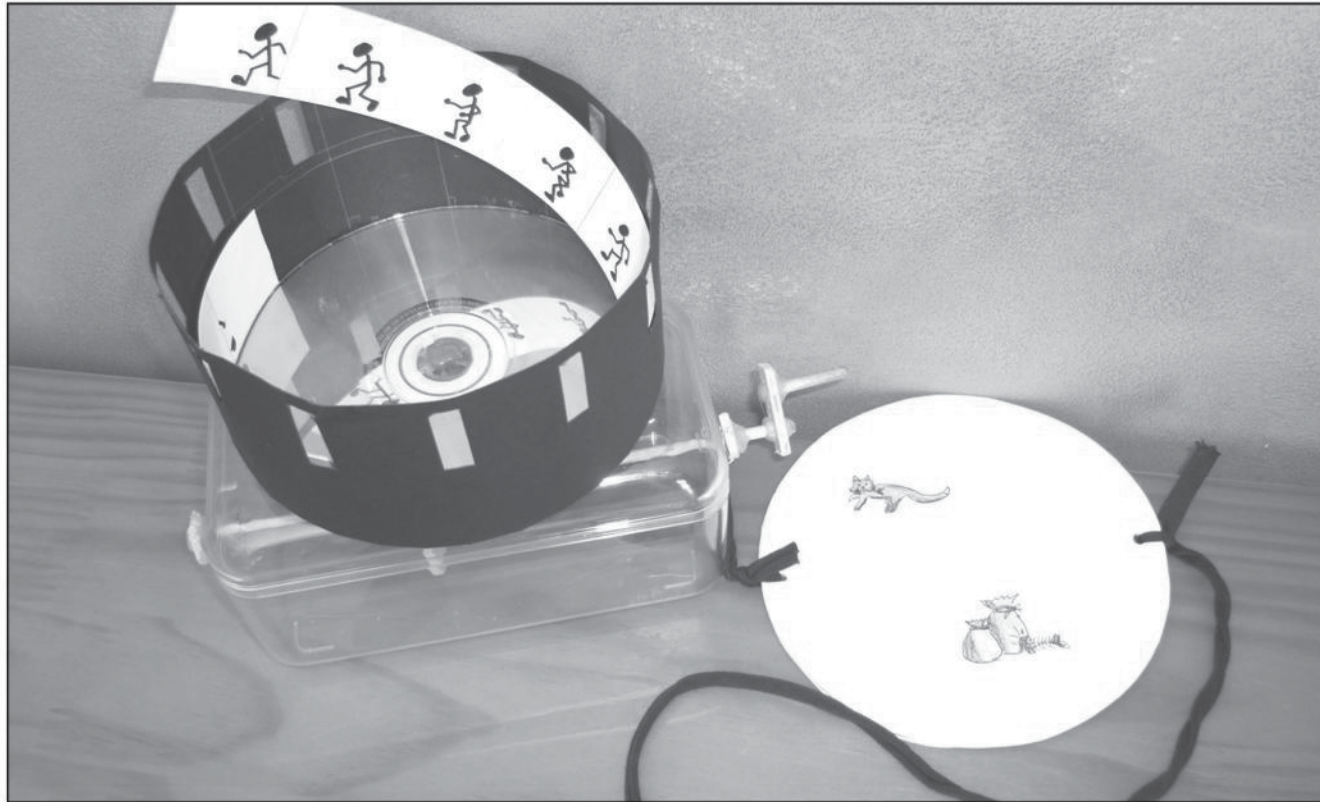
No local do evento houve uma exposição de componentes de *hardware*, um espaço para montagem de computadores, a possibilidade de os visitantes aprenderem a fazer um cabo de rede; fazia ainda parte do



espaço do evento uma sala improvisada onde se podia assistir a diversos vídeos/documentários sobre informática, focados na problemática dos perigos da Internet e da utilização segura da mesma.

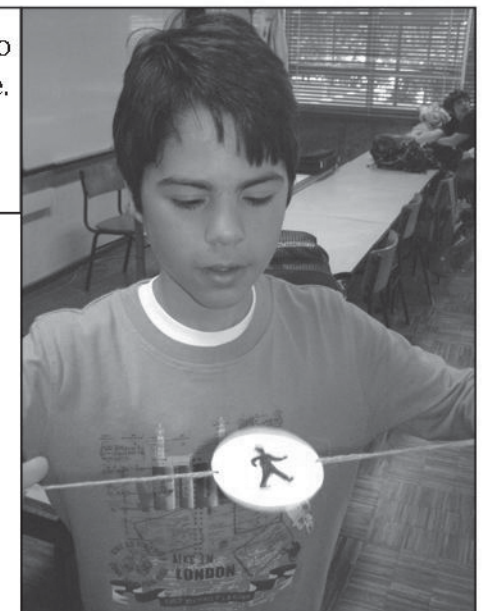


# CINEMA DE ANIMAÇÃO



Ao longo do terceiro período, os alunos de Educação Visual e Tecnológica têm vindo a desenvolver uma unidade didáctica subordinada ao tema “cinema de animação”. Esta actividade surge na perspectiva de dar uma utilidade prática às marionetas elaboradas com papel e arame no ano lectivo transacto, no âmbito da mesma disciplina. Os brinquedos ópticos explorados são: o traumatrópio, o folioscópio e o zootrópio.

**Traumatrópio** - brinquedo de animação muito popular e antigo, que consiste num pequeno disco preso a dois cordões em lados opostos. Em cada uma das faces do disco existe uma imagem diferente. Quando o disco é movimentado pelas mãos do espectador, as duas imagens fundem-se numa única.



**Zootrópio** - máquina simples criada em 1834 por William Horner, que aproveita a ilusão óptica para criar uma pequena animação. Funciona com um tambor sem tampo e com orifícios equidistantes nas laterais de um eixo central. Quando o Zootrópio é movimentado, o espectador olha pelo pequeno orifício e vê os desenhos na parte interior transformarem-se numa animação em “loop”.

**Folioscópio** - o folioscópio teve origem na segunda metade do século XIX, estando a sua patente atribuída a John Linnett. Este jogo óptico, precursor do cinema, cria a ilusão de movimento (persistência retiniana) entre duas imagens com pequenas diferenças entre elas.



Esta iniciativa culminará com a realização de um pequeno filme animado por parte dos alunos, através do registo de imagens em formato digital e utilização do programa informático “Windows movie maker”.

# Trabalho de pesquisa do 5ºA sobre instrumentos musicais



## A TROMPA

Este instrumento de sopro da família dos metais era já conhecido dos Hebreus, Gregos e Romanos.

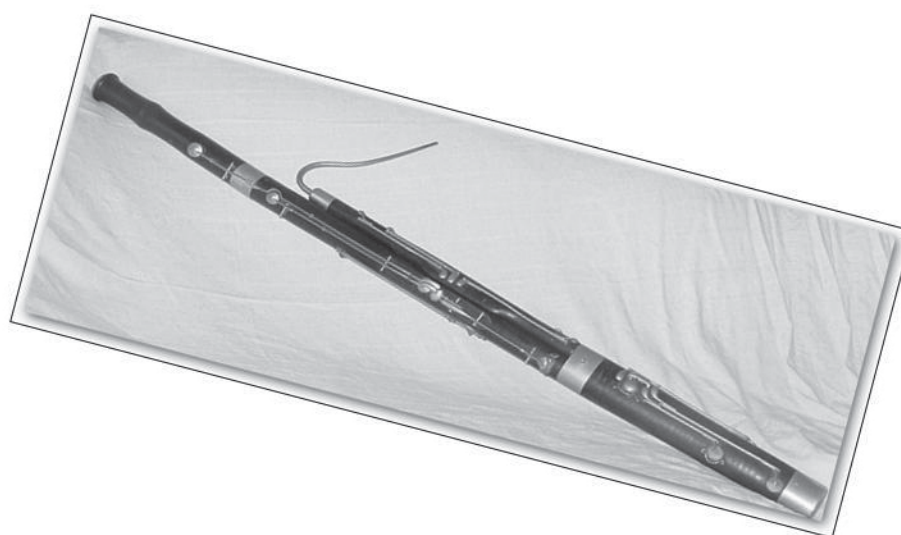
A trompa consiste num tubo metálico de 3,7m; tem três ou quatro chaves, de acordo com o modelo.

Foi um instrumento bastante utilizado por compositores como Mozart, Beethoven, Mahler e Bruckner. A mão dentro da campânula permite uma enorme variedade de timbres.

## O FAGOTE

É um instrumento musical da família dos sopros. Tem um longo tubo cónico de madeira e possui uma palheta dupla que está fixada em um tudel de cobre.

O fagote é o mais grave dos instrumentos da família dos sopros. É um dos instrumentos mais difíceis de tocar e os estudantes escolhem quase sempre a flauta ou o clarinete.



## A CELESTA

Foi inventado em 1886 pelo francês Auguste Mustel.

É um instrumento musical com lâminas de metal, como o metalofone, com um teclado de martelos semelhante ao do piano. Tem uma caixa de ressonância de madeira e pedais para prolongar ou abafar o som.

A sonoridade suave e misteriosa da Celesta, semelhante a pequenos sinos, é perfeita para o efeito que se pretende em alguns filmes.

## A PIPA

A pipa é um instrumento musical Chinês que possui uma caixa de ressonância com formato achatado em forma de meia pêra. Apresenta quatro a cinco cordas de seda que são tocadas com uma palheta de marfim, madeira, osso, ou mesmo com a unha da própria pessoa.

A pipa nasceu na antiga Pérsia. Sendo enviada para o oeste da China, daí se espalhou por todo o território chinês.

Na década de 50 do século XX, foram-se criando cursos em conservatório, sendo o instrumento reconstruído e expandido para descobrir mais tons, tendo um lugar importante numa orquestra sinfónica.



# Colóquio sobre “Saúde” na EBI Forjães

No passado dia 12 de Março, a Escola Básica Integrada de Forjães foi palco da apresentação da actividade integradora da turma EFA B3, que está a realizar o curso na mesma escola. A actividade em questão consistiu num colóquio, subordinado ao tema “Saúde – gripes”.

Este colóquio contou com a presença de ilustres e generosos convidados, que se prontificaram a dar o seu contributo numa noite que se pretendia agradável e, acima de tudo, esclarecedora. Assim, o painel de oradores foi constituído: pela Dra. Georgina, nutricionista da Associação Portuguesa de Nutricionistas, que aprofundou o tema “Alimentação saudável para prevenir uma gripe”; pela professora Diana, da Escola EBI Forjães, que explanou o tema “Preparação da Escola para uma eficaz prevenção contra a Gripe A”; e pela enfermeira Celsa Cruz, da Cruz Vermelha de Aldreu, que esclareceu o tópico “A Cruz Vermelha em situações especiais”.

Os alunos do curso EFA tiveram ainda a oportunidade de pre-

sentear o público com a recitação de um célebre poema de Álvaro de Campos “Estou constipado”, com a apresentação de alguns dos trabalhos realizados nas aulas, com um rastreio gratuito levado a cabo pela Cruz Vermelha de Aldreu, com um simulacro, referente a uma potencial situação perigosa de Gripe A e que foi, também, realizado pela Cruz Vermelha de Aldreu, com a actuação do Grupo Associativo de Divulgação de Forjães e com uma ceia *gourmet*, saudável, como não poderia deixar de ser.

Foi, em suma, uma noite bem passada, em que a troca de ideias foi enriquecedora para todos os intervenientes, e que proporcionou a desejável partilha, com toda a comunidade envolvente, das aprendizagens realizadas no decorrer deste curso.

Pela Professora Vera Parente

## SONHA VOLTAR A ESTUDAR?

### ESTÁ ARREPENDIDO POR NÃO TER TERMINADO O ENSINO BÁSICO OU SECUNDÁRIO?

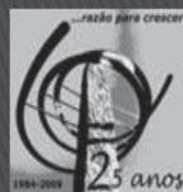
Então junte-se a nós na Escola EBI de Forjães e inscreva-se num Curso de Educação e Formação para Adultos

- de Nível Básico (equivalência ao 9º ano)
- ou Nível Secundário (equivalência ao 12º ano)

*“...gostei muito de frequentar o Curso EFA e esta formação contribuiu muito, não só para o meu desenvolvimento pessoal e social, mas também a nível profissional. Nunca é tarde para aprender!”*

Ana Carolina Ribeiro, finalista de um Curso EFA NS da Escola EBI de Forjães

**VENHA APRENDER CONNOSCO!**





Patrícia Cruz viu publicado, no *The Journal of Experimental Medicine* (EUA), um trabalho científico, elaborado pela equipa do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e da Saúde, da Universidade do Minho, e que esta forjanense integra. A investigação em causa permite abrir novas perspectivas na tentativa de desenvolver uma vacina mais eficaz contra a tuberculose

## Portagens na A28

## Esposende processa Governo

A Assembleia Municipal de Esposende deu luz verde, no passado dia 7, a João Cepa para recorrer aos tribunais, contra a decisão do executivo de José Sócrates em introduzir portagens na A28, a partir de 1 de Julho. Depois de uma reunião, a sós, com o secretário de Estado das Obras Públicas, Paulo Campos, o presidente do Município de Esposende lamenta que nenhum dos autarcas das regiões minhotas atingidas – Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Viana do Castelo – «se tenha mostrado disponível para levar esta deliberação do Governo à Justiça». E, por isso, decidiu auscultar a Assembleia Municipal para que se pronunciasse sobre esta sua iniciativa que, reconhece, «terá encargos muito elevados».

«A Constituição afirma que todos os cidadãos devem ser tratados por igual. Ora, quando no sul há vias rápidas onde não será instalado sistema de cobrança de portagens, parece-me que a lei fundamental do país está a ser desrespeitada». Este é o argumento que João Cepa avança para colocar o Governo em Tribunal, recordando ainda que a A28 «foi paga com fundos comunitários e



Luís Pedro Ribeiro

não com dinheiros privados, como aconteceu com as auto-estradas concessionadas». E o autarca anota que esta situação poderá permitir aos proprietários dos terrenos vendidos para a SCUT «exigirem a reversão do valor das suas propriedades, porque foi para uma via complementar, e sem portagens, que negociaram a sua cedência». Ou seja, o Estado vai agora retirar dividendos de um negócio público, cujas intenções não foram devidamente claras...

João Cepa considera ainda imoral o sistema de não-cobrança que José Sócrates quer colocar em alguns troços da via rápida, como o troço inicial de Viana do

Castelo, Esposende-Ápúlia, devido à ponte de Fão, Póvoa-Vila do Conde, onde a N13 já foi municipalizada. Recorde-se que o custo por quilómetro ficará por nove cêntimos, um preço que o presidente do município esposendense considera exorbitante.

Entretanto, o movimento «A28 sem portagens» propõe que, dia 18 de Junho, todo o trânsito entre Viana e Porto se realize pela EN13, provando assim que a estrada nacional «não é alternativa à A28», sublinhando que este é o «grande argumento» contra a decisão do Governo.

Mário Robalo

## Líder da concelhia PSD quer reconhecer trabalho militante

Reconhecer o trabalho político dos militantes é uma das primeiras iniciativas que Benjamim Pereira vai promover, na qualidade de presidente da concelhia de Esposende do PSD. Aquele forjanense liderou a única lista concorrente àquele órgão do partido, que no passado dia 21 teve as suas eleições.

«Os militantes que desenvolveram uma acção pública, como os presidentes de Junta, ou aqueles que trabalharam pelas vitórias sucessivas do partido, durante 21 anos, no nosso concelho, devem ser publicamente reconhecidos». Pelo que acaba de afirmar, Benjamim Pereira quer agora fazer uma cerimónia pública, para não deixar passar em branco a acção daqueles militantes.

O novo presidente da concelhia laranja esposendense pretende ainda «dinamizar a intervenção pública e social dos militantes na defesa dos interesses das populações», apontando o caso das portagens na A28, como um exemplo concreto. Por outro lado, defende a necessidade de «manter abertos os canais com a direcção nacional do partido, para fazer sentir as causas das populações».

## Cepa contra Passos

Quem não está contente com a actuação do líder nacional laranja é João Cepa, que apoiou a candidatura de Benjamim Pereira à concelhia de Esposende. Garantindo que cumprirá o mandato na Câmara até ao fim, o autarca demarca-se de Passos Coelho: «Com a minha liderança na concelhia de Esposende, o partido nunca perdeu nenhuma das eleições para o município. E agora o novo presidente não convidou um único militante daqui para o Conselho Nacional».

Inconformado, depois de 21 anos de uma militância que se iniciou na JSD, João Cepa não vê com bons olhos o acordo do líder nacional do partido com o chefe do Executivo, José Sócrates. «Esta negociação com o primeiro-ministro é um erro. Passos Coelho vai ficar com o ónus das medidas agora tomadas pelo Governo, em nome da crise». E o presidente do município considera mesmo a ligação do líder do PSD com Sócrates «uma falta de visão estratégica, que prejudicará o partido em futuras eleições». Recorde-se que o candidato de Cepa a líder do PSD foi Paulo Rangel.

## Notas de um emigrante

Manuel Torres Jacques

(continuação)

Quando chegámos ao aeroporto da Portela, foi aí que vi o meu pai com as lágrimas nos olhos a dizer-me: «olha home, nunca te esqueças da tua mãe!». Chegou a hora de embarcar e lá seguimos viagem com escala em Cabo Verde, Recife e finalmente o Rio de Janeiro. Quando desembarquei, senti que estava num mundo completamente diferente e logo senti falta da minha Pátria. A única vantagem era a de falarmos a mesma língua. Tomei um táxi, dei o endereço da minha tia ao motorista e seja o que Deus quiser. Como não tinha dinheiro, foi a minha tia que pagou o táxi desde a ilha do Governador até ao Maracanã. Bom depois de todas as apresentações no dia seguinte já fui com ela para o restaurante que se chamava a pensão Santa Luzia e logo me apresentou às empregadas e, foi aí que começou a encrenca. Com dezoito anos e ver aquelas morenas diante de mim, foi a gota de água.

Tornei-me senhor do «terceiro» como um pequeno galo de combate. A minha tia aguentou até que eu pagasse o dinheiro da viagem de avião. Depois disse: «agora meu menino se preferes as mulatas em troca do trabalho que te ofereci, então vais ter muita coragem porque comigo não trabalhas mais». Saí dali, e fui morar na casa da cozinheira lá do restau-

rante na favela do esqueleto junto ao estádio do Maracanã. Foi então que percebi, que quantos portugueses foram para o Brasil e não mais se lembram das suas mulheres e filhos, tudo por causa daquelas que do outro lado do oceano, são capazes de virar a cabeça ao próprio diabo. E sem entrar mais em detalhes, fui andando de lado para lado, voltando à minha profissão. Do Rio para São Paulo e depois para o interior do Estado, lá consegui trabalhar de dia por minha conta, e à noite estudava o curso vestibulário até que concluídos os exames, ingressei na Pan-Americana de Arte conseguindo o meu diploma de desenho artístico e publicitário.

Foi com essa fortuna que vim a Portugal em 1978, quando por coincidência encontrei a mulher que compartilha comigo os momentos bons e menos bons da vida. É a minha esposa Maria Emília a qual me deu uma filha maravilhosa, a Lara que é a maior fortuna depois de 48 anos de imigração. No Brasil, se eu tivesse tido ambição, aposto que teria feito fortuna. Só que com a ilusão, não aproveitei as ocasiões que me apareceram e no fim foi a desilusão.

Afinal, a miragem nunca se torna realidade.



É com esta foto da Escola Rodrigues de Faria que Forjães aparece no sítio de Internet do projecto **As sete Maravilhas do Concelho de Esposende**. Ao lado, a capela de S. Roque também surge para votação... Explique-se tudo do princípio.

A Associação Industrial e Comercial do Concelho de Esposende (ACICE) entregou aos seus formandos do curso de Técnico de Controlo e Qualidade Alimentar a incumbência de elaborarem um concurso para «promover o património cultural, arquitectónico, paisagístico e histórico do Concelho». A ideia era mobilizar as po-

pulações para um conhecimento mais profundo das diferentes «maravilhas» de cada uma das 15 freguesias do concelho de Esposende. Ao todo, foram seleccionadas dois testemunhos de cada uma das terras.

O projecto foi apresentado no passado dia 21, no Fórum da Educação, realizado por iniciativa da Câmara Municipal. Em concurso estão não apenas monumentos ou edifícios históricos, mas também espaços rurais, como Campo Masseur, na Apúlia, ou as Azenhas de Sta. Marinha, em Rio Tinto. O critério da escolha das «maravilhas» baseou-se na

arquitectura tradicional, no caso particular dos edifícios, ou então na história, no impacto visual, ambiental e social de cada uma delas. O historiador Manuel Penteado Neiva foi o coordenador científico da iniciativa da ACICE.

A votação (por Internet) será realizada dia 7 de Julho, quando ficarão seleccionadas 15 das 30 «maravilhas». Posteriormente serão escolhidas as «Sete maravilhas», cuja apresentação será feita no Auditório Municipal de Esposende, dia 7 de Agosto. Endereço electrónico da iniciativa: [www.7maravilhasesposende.com](http://www.7maravilhasesposende.com)

Uma votação popular escolherá os mais belos edifícios e espaços naturais do concelho

## CAMINHADAS DA ACARF - Um passeio a Marinhhas

A capela da Nossa Senhora da Paz, nas Marinhhas, é o próximo destino da caminhada da ACARF. Dia 13 de Junho, pelas 7h, saímos em

passeio, da sede da ACARF. A escolha da hora deve-se à necessidade de evitarmos calor excessivo, para melhor apreciarmos a paisagem.



## Desporto ■ Notícias FSC

## Arlindo Tomás não se candidata



Fernando Neiva

A assembleia-geral do FSC terá de encontrar um novo nome para dirigir o clube. Arlindo Tomás termina o segundo mandato à frente do Forjães Sport Clube (FSC), que este ano se consagrou campeão da 1ª divisão da Associação de Futebol de Braga. Afirmado-se satisfeito com o trabalho realizado, sublinha: «Chegou o tempo de outros darem vida ao clube». O actual dirigente acredita que em Forjães há pessoas capazes de dar continuidade ao FSC. A sua disponibilidade termina por aqui.

## Que balanço faz destes dois anos?

No ano passado, as coisas não correram bem. E, por diversas vezes, assumi que não definimos a melhor estratégia no aspecto desportivo. Este ano, planeámos e estruturámos o clube de forma acertada; definimos as estratégias e os objectivos com os pés assentes na terra; assumimos aquilo que pretendíamos e, fruto de muito trabalho por parte de todos, conseguimos atingir plenamente os objectivos a que nos propusemos, subir de divisão. Gostaria ainda de agradecer a todos os que trabalharam comigo nas direcções, aos treinadores, atletas e demais colaboradores que puseram todo o empenho ao serviço do FSC.

## Vai continuar a comandar os destinos do clube?

Não. Está posta de parte qualquer hipótese de continuar a presidir o clube. Deixou claro que esta minha posição é definitiva e irreversível. O futuro directivo do clube não passa por mim, em cenário ou circunstância alguma.

## O que lhe deixa pena...

O que me deixa verdadeiramente pena é sentir que há fortes possibilidades de esta equipa se desmantelar, caso haja indefinição em encontrar uma nova direcção. Fico também com pena de não ter havido um maior envolvimento dos forjanenses no percurso reali-

zado ao longo da época. Só agora, no final, é que as pessoas responderam presente. Todos poderíamos dar mais atenção ao FSC, que tem prestado serviços relevantes à nossa terra.

## O que considera vital para o clube?

Considero vital encontrar uma nova direcção. De outra forma não haverá clube. Não adianta pensar em estádios novos ou relvados sintéticos, sem termos quem comande os destinos do clube. Depois de termos uma nova direcção e, após esta definir a política desportiva, então sim, poderemos continuar o trabalho já iniciado e encontrar uma solução para o complexo desportivo, que sem dúvida é, também, vital.

## Como é ser campeão em representação do Forjães?

É uma alegria enorme, principalmente quando é fruto de muita dedicação, como aconteceu este ano. É uma alegria enorme, quando se vê um grupo de atletas e treinadores ser recompensado por tudo o que fez. Reafirmo, temos um grupo de jogadores e uma equipa técnica com um carácter muito acima da média. Foram eles os grandes obreiros deste resultado. Por isso fico-lhes muito grato.

Ser campeão é sentir que com o nosso trabalho demos uma grande alegria a todos que mais de perto acompanham o clube e com esses compartilha também esta vitória. Estou também convicto que teremos uma nova alegria, pois acredito que vamos conquistar a Taça AFB, no próximo domingo. A conquista deste troféu seria um prémio muito justo. E se o ganharmos, será dedicado aos sócios, aos simpatizantes, aos amigos e aos patrocinadores do FSC.

## É muito difícil ser director do FSC?

Não considero muito difícil, considero desgastante. Exige muito, ao nível da disponibilidade, empenho, organização e capacidade de trabalho. Qualquer direcção pode fazer dois anos sem problemas de maior, se trabalhar dentro das exigências referidas.

## Insistimos: caso um grupo de sócios lhe oferecer colaboração, reconsidera a sua posição de não continuar?

Reafirmo: não vou continuar. É uma decisão irreversível. Aqueles que gostam e vivem o clube terão de encontrar uma nova solução directiva, sob de pena de, ao não o fazerem, o clube ter de fechar as portas. Se tal acontecesse ficaria muito triste e desgostoso, mas a minha missão está cumprida.

F.N.

## Forjães Campeão da 1ª Divisão

Fernando Neiva

O FSC conseguiu garantir o título de campeão na penúltima jornada, ao bater o Viatodos por 1-0, tendo vencido a Série A da 1ª Divisão, repartindo o título de campeão com o Celoricense, vencedor da série B. Na última jornada, o Forjães, em festa e com uma boa casa, acabou por perder por 2-1, com Fernando Pires a poupar alguns dos atletas para a final da Taça e com o trio de arbitragem a «empurrar» o Vila Chã para a vitória. Ao intervalo o FSC vencia por 1-0 (Nuno 25m.) e, a meio da 2ª parte, surgiu o empate numa penalidade duvidosa. A equipa visitante alcançou a vitória nove minutos depois da hora (a compensação eram 4), ficando a sensação de que o jogo só terminaria quando fosse golo. Os três pontos não foram suficientes para que o Vila Chã conseguisse a desejada subida de divisão.

Relativamente à campanha do Forjães, destaque-se que a partir da derrota sofrida à 22ª jornada, em Nine, o FSC venceu todos os jogos disputados, excepto o últi-

Um registo fora de tom, para um campeão? Talvez, mas aqui revela-se a «passagem de testemunho» de uma equipa que, abnegadamente, conquistou o título...



Luís Pedro Ribeiro

mo, e foram dez vitórias consecutivas, oito para o campeonato e duas para a Taça. É caso para dizer que há males que vêm por bem, e essa tal derrota despertou os homens comandados por Fernando Pires. A equipa do FSC está ainda empenhada na conquista da Taça. Pela primeira vez, o clube atingiu a final desta competição na AF Braga.

Quanto à subida divisão será a equipa do Ninense (2ª) a acompanhar o Forjães no regresso à Honra, isto porque o Vila Chã escoregou na 28ª jornada no terreno do Laje e cedeu o 2º lugar à equipa famalicense, que não mais o largou. Assim o «derby» concelhio, que na última jornada se jogou em Forjães, não correspondeu às expectativas. O Vila

Chã, para subir, precisava de vencer em Forjães e precisava ainda que Terras de Bouro e Ninense não vencessem as partidas que disputaram nos seus campos.

Quanto às outras equipas concelhias, na 3ª Nacional o Marinhas tem o passaporte para a descida à Honra, enquanto o Fão vai tentar a permanência no último jogo, no campo do Marinhas. Na divisão de Honra, o Esposende segurou o 2º lugar que, em princípio, lhe dará acesso ao Nacional da 3ª Divisão. Por sua vez, o GD Apúlia conseguiu, na última jornada, presença na Honra. Na 2ª Divisão o destaque vai para a subida do Gandra, enquanto Antas e Juventude de Belinho se classificaram de forma mais modesta.

## A festa dos Campeões

Por iniciativa de um grupo de amigos do clube, que meteu os pés ao caminho para organizar a comemoração do título de campeões, em estreita colaboração com a direcção, o Forjães SC está em alta no seio da comunidade forjanense. Para isso tem sido pedida colaboração monetária a todos os amigos – têm sido publicitados os jogos, vendidos «kits» com símbolos do clube e foi organizada uma festa na zona central da vila (Café Novo) não só para promover o convívio entre todos, mas também para recolher ajuda financeira, por forma a resolver situações de tesouraria ainda pendentes. Este grupo tem também promovido e incentivado os forjanenses a assistirem à final da Taça (30 de Maio), criando uma áurea muito positiva em torno da tenta-

tiva de conquistar o troféu.

No domingo (23 de Maio), antes do jogo com o Vila-Chã houve tamborileiros a animar as principais ruas da vila, desfilando e entoando emotivamente: «Campeões! Campeões, nós somos campeões...», dando assim o mote para a festa. Depois do «derby» concelhio, adeptos, dirigentes, sócios, atletas, treinadores e demais colaboradores, toda a gente entrou em campo no recinto do Café Novo. E jogando todos na mesma equipa, foram aviando umas febras no pão e uns copitos de «champanho», por entre rasgos de muita alegria e orgulho no Forjães Campeão. Como não podia deixar de ser, nestas ocasiões festivas, também entraram as concertinas e os bombos. O grupo angolano Cazzuzo de passagem

por Forjães (**ver textos págs. 4-7**) também brilhou a festa com as suas danças africanas. No final, ouviu-se o troar dos foguetes que mais pareciam tiros de canhão, gritando bem alto a glória obtida e pedindo declaradamente: «Queremos a Taça, queremos a Taça».

Esperemos então que o último domingo de Maio possa ser de festa para o Forjães Sport Clube. Contudo, e independentemente da conquista ou não do tão desejado troféu, o clube merece desde já os nossos parabéns, extensivos a todos aqueles que o representam, além de terem feito história, ajudaram a elevar ainda mais o nome do Forjães, o nome da nossa terra.

Um «viva» para Forjães, um «viva» para o FSC, um «viva» para os forjanenses...

## NASCIDOS EM 1970

Celebrar 40 primaveras é um motivo para um salutar convívio. Para organizar esse dia, solicita-se aos forjanenses nascidos em 1970 (ou familiares dos que vivem noutros locais do país ou no estrangeiro) que contactem: Paula Cruz: 963385138; João Jaques: 936280207; Joaquim Quesado: 918293382

## Assembleia-geral do FSC

No próximo dia 28 de Maio (sexta-feira) pelas 21:30, o clube da nossa terra vai reunir em Assembleia-geral no auditório do Centro Cultural de Forjães. O objectivo desta reunião magna é encontrar uma solução directiva para a próxima época. Por isso, apela-se a todos os sócios para participarem, relembrando uma velha máxima: «A grandeza de um clube vê-se pela força dos seus associados». É preciso dar força ao Forjães Sport Clube, participando nas Assembleias.

Av. de S. Romão, 10 - 4935 Neiva - Viana do Castelo Tel. 258 871 466 - Fax: 258 371 420

Av. Marcelino Queirós, 130/140 Estrada E - loja 14 - 4740-438 Forjães Tel.: 253 876 074/TLM.: 965 166 956





## Publicidade



**Serralharia Lima**  
Aurélio Sérgio Azevedo Lima

- todo o tipo de caixilharia em alumínio
- todos os serviços em ferro
- coberturas industriais
- portas seccionadas
- automatismos

Rua da Galega\_Cerqueiral / 4740-435 Forjães\_Esposende  
telef.: 253 872 264 / telm.: 964 157 669



**IDEAL PNEUS**

PNEUS - ESTAÇÃO DE SERVIÇO LIGEIRAS E PESADOS - ALINHAMENTO DE DIRECCOES

PAÇO VELHO - V.F.S. - APARTADO 583 - 4750-909 BARCELOS  
TELEF. 253 809 880 - FAX 253 809 889

**Palavras Cruzadas (soluções)**

**Horizontais**

1º naípe; zebra = 2º irar; x; mear = 3º n.r.; opala; mr = 4º fer; one; zoo = 5º a; ua; t; xo; z = 6º pessoeiro = 7º l; la; f; sr; c = 8º eta; sir; oco = 9º pe; calar; at = 10º ralo; a; alma = 11º aroma; citar =

**Verticais**


1º ninfa; lepra = 2º arre; p; tear = 3º ia; ruela; lo = 4º pro; asa; com = 5º e; po; s; sa; a = 6º xantofila = 7º z; le; e; ra; c = 8º ema; xis; rai = 9º be; zorro; lt = 10º ramo; o; cama = 11º arroz; cotar =



**CARTONAGEM S. BRAZ, LDA.**  
Embalagens

**Embalagens e outros artigos de Cartão Canelado**  
em qualquer modelo com ou sem impressão

L. Pinheiro - Rio Cove - Stª Eugénia  
Tel - 253 83 00 00 / 253 83 24 51 Fax - 253 82 12 30  
Apartado 430 4754-800 Barcelos



**Escola de Condução Rio Neiva, Lda**

...A conjugação perfeita para a formação de bons condutores!

Av. 30 de Junho, 364  
4740-438 Forjães  
Tel: 253 87 77 70  
E-mail: escolarioneiva@rj.pt

**Deco-Int**  
Decorações - Interiores

- Cortinas
- Varões
- Rolos
- Verticais
- Laminados
- Palhinhas
- Mosquiteiros
- Tapetes
- Candeeiros
- Etc ...



Colocação e reparação de estores interiores e exteriores em alumínio e P.V.C motorizados.  
Orçamentos grátis

Av. Marcelino Queirós, nº 130 - Loja 5  
4740 - 448 - Forjães  
Tel/Fax - 253 877 814 TLM - 918 332 917 / 917 052 671  
E-mail: decoint@mail.pt

**Loja 150**  
LOJA DE ARTIGOS DIVERSOS

Utilidades Domésticas, Produtos alimentares, Decoração, Loijas Papeleria, Brinquedos, Ferramentas, etc..

Av. Sta. Marinha, Centro Comercial Duas Rosas, 1º esq.: Loja nº1  
Forjães - Esposende Telefone: 253877159

**Centro Comercial 2 Rosas**



**Alugam-se lojas e escritórios**  
Tel. 253 871 436

**O FORJANENSE**  
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58  
4740-439 FORJÃES  
**PROPRIEDADE e EDIÇÃO: ACARF**  
Associação Social, Cultural, Artística e Recreativa de Forjães  
Fundado em Dezembro de 1984  
**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**  
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58  
4740-439 FORJÃES - Ctr. n.º 501524614  
Telef. 253 87 23 85 - Fax 253 87 10 30  
e-mail: acarf1@sapo.pt

**DIRECTOR:** Mário Robalo  
mario\_robalo@sapo.pt  
**Subdirector:** Cláudio Brochado  
claudio-brochado@sapo.pt  
**CONSELHO CONSULTIVO:** Fátima Vieira (ACARF), Mário Dias (Paróquia), Andreia Cruz Dias ( PSD), José Manuel Neiva (PS), Basílio Torres (Prof. EBI), Rui Laranjeira (estudante EBI), Arlindo Tomás (FSC), Paula Cruz, Sílvia Cruz Silva, Alfredo Moreira e José Salvador.  
**Colaboradores permanentes:** Pe. A. Sílvio Couto, Armando Couto Pereira, Carmen Ribeiro (Fundação Lar de Santo António), Pe. José Alves Martins (Timor), Junta de Freguesia de Forjães, Luís Baeta, Manuel António Torres Jacques(França), Maria Mota, Olímpia Pinheiro, Paulo Lima (EBI Forjães), Regina Corrêa de Lacerda (Lisboa), Rita Braga, Vânia Aidé e Feli-

cidade Vale e educadoras da ACARF.  
**REDACÇÃO:** Anabela Moreira, Diana Martins, Nelson Correia, Ricardo Brochado, Sofia Carvalho, Susana Costa e Tiago Brochado.  
**FOTOGRAFIA:** Luís Pedro Ribeiro  
**SECRETARIADO E PAGINAÇÃO:** Eduarda Sampaio e Fátima Vieira.  
**ASSINATURA ANUAL (11 números)**  
**País:** 9 Euros; **Europa:** 17 Euros; **Resto do Mundo:** 20 Euros  
Registado no Instituto da Comunicação Social sob o nº 110650  
**TIRAGEM** - 1.650 Ex. (Sai em meados de cada mês)  
**IMPRESSÃO: EMPRESA DIÁRIO DO MINHO, Lda**  
Rua de Stª Margarida, 4 A / 4710-306 Braga / Tel. 253 609460  
Fax. 253 609 465/ Contribuinte 504 443 135  
www.diariodominho.pt / Ifonseca@diariodominho.pt

Os artigos de opinião são da exclusiva responsabilidade de quem os assina e não vinculam qualquer posição do jornal O FORJANENSE. O jornal não assume o compromisso de publicar as cartas ou textos recebidos, reservando-se o direito de divulgar apenas excertos.

## Opinião



Vitor Meira

## A EBI de Forjães

É com tristeza que ouço, ainda hoje, referir que a escola de Forjães foi considerada, há alguns anos, a pior escola do país. Este rótulo foi atribuído com base nas classificações dos exames dos últimos alunos do 12º ano que, na altura, frequentavam a escola. Eram cerca de meia dúzia de alunos que, por razões diversas, obtiveram maus resultados. Infelizmente este rótulo colou-se à imagem da escola que, na altura, tinha algumas centenas de outros alunos com resultados acima da média nacional. O que é certo é que os bons resultados nos restantes ciclos, onde estava a larguíssima maioria dos alunos, não foi considerada.

E actualmente?

Desde que há provas de aferição, os alunos do 2º ciclo têm tido melhor desempenho que a média dos alunos do resto do país. Desde que há exames do 9º ano (4 anos consecutivos), a escola tem tido os melhores resultados do concelho de Esposende (a melhor das cinco escolas/agrupamentos). A análise das mesmas avaliações do 9º ano tem também colocado a escola numa posição muito con-

fortável no «ranking» das escolas com 3º ciclo do país. A título de exemplo, no final do ano passado, éramos a segunda melhor escola pública de todo o distrito de Braga. A nível nacional, e incluindo as escolas e colégios privados, ficámos em 152º lugar, num total de 1290 escolas.

Mas os «rankings» são o que são e devem ser relativizados. Dificilmente deixam transparecer tudo o que se faz de bom (ou de mau) numa escola. É que, mesmo sendo-nos favoráveis, não

*Com tristeza, ouvi-se que a EBI de Forjães foi, há anos, classificada como a pior do país... No final do ano passado, foi considerada a 2ª melhor escola do distrito de Braga*

reflectem, por exemplo, o facto de: terem sido aprovados vários projectos de «Ciência na Escola» da Fundação Ilídio Pinho; termos duas bibliotecas no espaço escolar, incluídas na rede de bibliotecas, e às quais já foi atribuído um prémio de mérito; termos ensino articulado de Música; se desenvolverem projectos de Educação para a Saúde e Educação Ambiental, estando inseridos na rede

Eco-Escolas (de salientar, dois prémios nacionais no âmbito do projecto Escola Electrão e a participação na conferência nacional «Vamos Salvar Portugal», em que foram seleccionadas apenas 40 escolas do país); termos participado no Campeonato Nacional de Jogos Matemáticos, em Santarém, e um dos alunos do 1º ciclo ter obtido um honroso terceiro lugar a nível nacional; termos, na sua maioria, um grupo de alunos educados, bem formados e que proporcionam um bom ambiente de trabalho e possuímos, também, um bom grupo de docentes e não docentes.

Pode o leitor, com legitimidade, questionar-se: «Mas esta escola só tem maravilhas?» Não. É claro que não. Também tem pontos fracos. O que é certo é que a direcção, os professores, os alunos, os não docentes e a Associação de Pais trabalham para que estes sejam cada vez menos. O balanço é largamente positivo.

Esta não é, nem nunca foi, a pior escola do país. Está muito longe disso.

É uma escola/agrupamento que se recomenda? Sim. Recomendando-a tanto que, apesar de não residir em Forjães ou Antas, tenho os meus dois filhos na mesma.

É com orgulho que, tal como muitos outros, afirmo que trabalho nesta e para esta escola.



Luís Baeta

## Paz e Amor?!

Ao longo da recente visita do Papa Bento XVI a Portugal, assistimos a diversas entrevistas dos meios de comunicação social aos peregrinos, fiéis e curiosos que acorreram quer a Fátima quer a Lisboa e ao Porto. Vimos também a tradicional mas também perigosa idolatria do Papa, como personagem importante, carismática e de grande importância para a Igreja Católica, como sua figura humana suprema, que ocupa a Cátedra de São Pedro, mas que é representante de Cristo e não o próprio Cristo.

Quem esteve atento reparou, certamente, nas respostas à questão colocada pelos jornalistas: «O que deseja e espera do Papa Bento XVI nesta sua visita a Portugal?». Grande parte dos entrevistados respondia como uma criança ao finalizar uma Carta ao Pai-Natal: «Paz e amor para todo o mundo». É precisamente este o centro da minha interrogação. É verdade que o Papa é para muitos de nós imagem de santidade, como figura máxima da Igreja que, como tal, vive num alto grau a sua espiritualidade – oração, caridade, sacrifício, etc. Contudo, por que há

sempre a tendência de pedir aos outros aquilo que pode e deve começar por nós mesmos? É verdade que Bento XVI pode alcançar, com a sua oração, mais paz e amor para o mundo. Mas tal não poderá suceder se nós, na nossa liberdade, não o quisermos fazer. Assim acontece, por exemplo, com o estudante: não pode ignorar os estudos e, na noite anterior ao teste, pedir a Deus que o ajude. É claro que ninguém lhe vai meter a matéria na cabeça. É, pois, necessário o nosso trabalho e o auxílio de Deus consiste em fortalecer-nos e animar-nos com o seu Espírito nas nossas acções.

Assim, não nos deixemos ficar por ideias e ideais bonitos e universais se, para eles existirem, é necessário o esforço de cada um. Se, após a visita do Papa, Portugal tivesse a mesma paz e o mesmo amor que tinha, iríamos culpabilizá-lo por isso?! Iríamos perder a nossa confiança no Bispo de Roma?

A caridade deve começar por nós, nas nossas famílias, na nossa rua, com os nossos vizinhos e colegas. E só assim o sorriso deles poderá iluminar os outros e contaminar o mundo de paz e amor. Peçamos, isso sim, ao Senhor, se nele acreditamos, que aquilo que o Papa nos disse no nosso país floresça no coração de cada um daqueles que vivem na liberdade de filhos de Deus.



José Salvador

## O «bullyng», um fenómeno em crescendo (Parte 1)

Convém saber que o «bullyng», refere-se obviamente a um conjunto de atitudes que ocorrem geralmente de uma forma continuada e persistente, numa relação desigual de poder, exercida por um elemento (ou grupo) mais forte e mais agressivo, sobre outro mais frágil (não só fisicamente, mas por vezes também emocionalmente). Este fenómeno pode assumir diversas formas, segundo os especialistas: física, casos em que envolve agressões; psicológica, através de calúnias, difamação, «alunhas», insultos, gozo/humilhação, desprezo; material, através de roubo e exigência de bens; e mais recentemente, o muito badalado, «cyberbullyng», através da troca de insultos, ameaças, via telemóvel e internet (msm, chats, Hi5, facebook, etc), possibilitan-

do, esta última vertente, maior facilidade em desmascarar o agressor, através da obtenção e registo fácil de provas.

Frequentemente os meios de comunicação social, principalmente as televisões, em horário nobre, relatam casos de alguma gravidade de violência em meio escolar. Muitas vezes os agressores passam a vítimas numa fracção de segundos, pois os jornalistas, em missão, só auscultam uma das partes. Na grande maioria destes acontecimentos, alguns encarregados de educação que se queixam perante as câmaras da TV, são os mesmos que por inúmeras vezes foram solicitados pelos responsáveis das escolas (directores de turma, direcção executiva) para comparecerem no local certo para a resolução deste género de problemas, mas nunca lá puseram os pés, nem sequer para levantar os registos de avaliação dos seus educandos.

Ora, este fenómeno não é só de agora. Não vamos tapar o sol com a peneira. Agressões físicas e psicológicas sempre existiram em

meio escolar. No nosso tempo, no recreio, quando eramos catraios, quem não ousou chamar «nomes» e alcunhas aos colegas, ou até, por vezes estar envolvido numa «briga» por causa de uma bola, de um pião, ou por causa de uma paixoneta qualquer? Nesses tempos, as coisas resolviam-se entre nós... e

*Na maioria dos casos de violência escolar, os pais queixam-se perante as câmaras de televisão, mas não comparecem nas escolas para a resolução do problema*

os nossos pais se soubessem, ainda seria pior... Actualmente também se resolve. De uma maneira mais fácil, chama-se a televisão, em vez de se deslocarem aos responsáveis que poderão solucionar a gestão destes conflitos: as direcções das escolas.

Na sociedade actual, estes relatos estão a atingir dimensões

cada vez mais preocupantes e alarmantes para as famílias. O recente caso da morte do menino Leandro, de uma escola do concelho de Mirandela, foi a gota de água. Tal como referira aos microfones das estações televisivas presentes um autarca da região: «Pensava que isto só acontecia nas grandes zonas urbanas...». Pois muito bem, nesta sociedade global todos consumimos do mesmo, contudo, podemos-nos questionar do porquê de altos responsáveis permitirem em horário nobre certos programas de conteúdo duvidoso, de cariz violento, ao alcance de milhares de crianças e adolescentes. Dou somente dois exemplos: programas de «wrestling» ao sábado de manhã, e a novela diária ao fim da tarde «Morangos com açúcar», por vezes com cenas inadmissíveis e lamentáveis de desrespeito pelos pais, professores e até pela directora da escola em causa.

É importante a intervenção de todos. É importante envolver toda a sociedade.

(continua no próximo mês)



**Tânia Conceição Torres da Silva necessita de fazer transplante de medula óssea.** Aluna do 10º ano da Escola Secundária Henrique Medina, esta jovem com 15 anos de idade, de Palmeira de Faro, foi confrontada com uma leucemia. A Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Esposende solicita a todos nós (dos 18 até 45 anos) a inscrição como possíveis dadores, no dia **6 de Junho (domingo) entre as 10h e as 17h, no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Esposende.**



## Culinária ■ Viver ■ Passatempos

### Ementas da casa

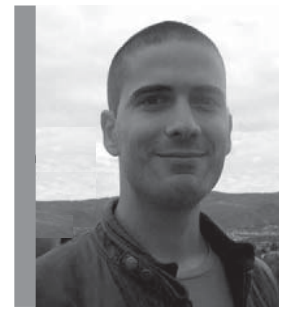
Maria Mota e Olímpia Pinheiro



O arroz de safio, na opinião do nutricionista Ricardo Moreira, é um ótimo prato para a nossa saúde. Enquanto somos bombardeados por anúncios de «comida de plástico», as cozinheiras da ACARF apresentam-nos uma ementa que até nos permite um toque de inovação, conforme o gosto pessoal. Por exemplo, porque não substituir a salsa por hortelã... Quanto à sobremesa, apenas se pode dizer: «Não há mais?».

### À mesa...

O safio, também conhecido por «enguia do mar» devido ao seu corpo alongado e quase sem escamas, não é mais que uma versão jovem do congro. A sua carne branca e fina, muito saborosa e que, por vezes, não é devidamente apreciada devido ao elevado número de espinhas, é rica em ácidos gordos ómega-3. Os ómega-3 têm um papel importante na actividade anti-inflamatória, prevenção da formação de trombos (que provocam entupimento dos vasos sanguíneos), redução dos níveis de triglicéridos e colesterol LDL e redução da pressão arterial, factores essenciais para a prevenção de doenças cardiovasculares tais como enfarte do miocárdio e acidentes vasculares cerebrais, algumas das principais causas de morte e incapacidade permanente em Portugal. É muito importante o consumo de refeições ricas em ómega-3 uma



Ricardo Moreira\*

vez que estes não são totalmente produzidos pelo nosso organismo, provindo sobretudo dos alimentos que ingerimos. É neste contexto que podemos considerar o arroz de safio, a receita apresentada nesta página, como um prato extremamente interessante do ponto de vista nutricional sendo o seu consumo recomendável. Acrescento ainda que o consumo de peixe cozido, estufado simples, assado ou grelhado, deve ser regular (no mínimo 4 refeições de peixe por semana), acompanhando sempre com vegetais e fruta natural.

#### Arroz de safio

1kg de safio; sal e pimenta; 2 cebolas; 2 dentes de alho; 3 tomates maduros; 2 dl de azeite; 1 folha de louro; 1,5 dl de vinho branco maduro; 8dl de água; 350g de arroz; 1 ramo de salsa

Arranje o safio e corte-o às postas. Tempere com sal e pimenta e deixe tomar gosto por 30 minutos. Pique a cebola e o alho. Limpe o tomate e corte-o aos pedaços. Refogue a cebola e o alho no azeite com o louro. Adicione o tomate, mexa e regue com o vinho. Assim que levantar fervura, acrescente a água e o peixe e coza, em lume brando, por 15 minutos. Retire o peixe depois de cozido e envolva o arroz. Tempere com sal e pimenta e coza por 12 minutos. Passe o arroz e o peixe para uma travessa. Polvilhe com salsa picada e sirva.

#### Creme de morango

5dl de leite; 100g de açúcar e 50g de farinha; 3 gemas; 100g de morangos maduros; cereais de chocolate para decorar; morangos para decorar

Coloque um tacho ao lume com o leite e deixe ferver. Numa tigela à parte misture o açúcar com a farinha e as gemas com uma vara de arames. Adicione ao leite fervido o preparado anterior e leve tudo ao lume mexendo sempre até voltar a ferver e engrossar. Retire do lume e deixe arrefecer. Reduza os morangos a puré e junte o preparado. Decore com os cereais de chocolate e morangos cortados aos pedaços.

#### Sobremesa

Para acompanhar uma refeição de arroz de safio, pode considerar-se adequada a sobremesa apresentada nesta página – creme de morango. Esta deve ser consumida com moderação (cerca de 150g por pessoa – uma taça pequena). Esta sobremesa é satisfatória, do ponto de vista nutricional, por exemplo, para crianças, porque é rica em proteínas de elevado valor biológico, provenientes do leite e das gemas de ovo, essenciais a um saudável crescimento e desenvolvimento.

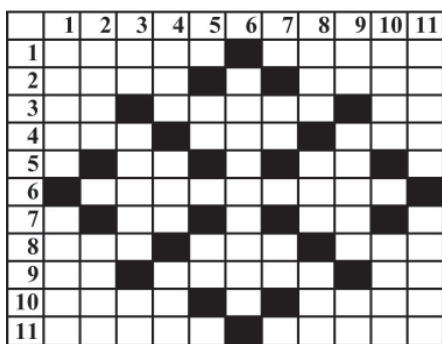
\* Nutricionista

### Palavras Cruzadas

Manuel Torres Jacques

#### Horizontais

1º sinal que distingue cada um dos quatro grupos de cartas de jogar; variedade de equídeo africano = 2º irritar; dividir ao meio = 3º Nácia Ribeiro (abrev.); pedra quartosa, de cor leitosa e azulada; monsinhor = 4º ferro em francês; um em inglês; designativo de animal = 5º o mesmo que uma; interjeição usada para fazer parar as calvagaduras = 6º cabeça de casal = 7º nota musical; senhor = 8º organização separatista basca; título honorário inglês; vazio = 9º medida de extensão equivalente a 33 centímetros; silenciar; antigo testamento = 10º insecto ortóptero, espécie de grilo; espírito = 11º fragância; avisar =



#### Verticais

1º divindade dos rios ou dos bosques; doença da pele = 2º expressão usada para fazer andar os animais; aparelho para tecer pano = 3º caminhava; viela; o lado do vento = 4º vantagem, conveniência; membro empenado das aves; preposição = 5º rio italiano; sociedade anónima = 6º substância corante que se desenvolve quando as folhas caem no Outono = 7º estuda; Deus Egípcio = 8º ave pernalta; antiga moeda de 10 reis; sigla da televisão italiana = 10º a voz das ovelhas; filho bastardo; lugar tenente = 10º ornamento; leite = 11º planta gramínea; avaliar =

### É bom ter saúde

O mês de Maio é o mês do coração. Seguindo este espírito, a Fundação Portuguesa de Cardiologia promove durante este período uma série de acções destinadas a informar e sensibilizar os portugueses da grande importância social das doenças cardiovasculares.

As doenças cardiovasculares representam a principal causa de morte no nosso país e são também uma importante causa de incapacidade. Devem-se essencialmente à acumulação de gorduras na parede dos vasos sanguíneos (aterosclerose), um fenómeno que começa numa fase inicial da vida, progredindo silenciosamente ao longo dos anos e que habitualmente já está avançado no momento em que aparecem os primeiros sintomas. As consequências mais importantes destas doenças são o enfarte do miocárdio, o acidente vascular cerebral (AVC) e a morte, que infelizmente são súbitas e inesperadas.

As doenças cardiovasculares estão associadas a um conjunto de factores de risco. Alguns não

podem ser modificados, como a hereditariedade, o sexo e a idade. Ou seja, quanto maior for a idade maior é a probabilidade de vir a sofrer de problemas cardiovasculares. O mesmo acontece se existirem familiares que sofram destas doenças. Contudo, outros factores podem ser modificados com mudanças no estilo de vida e com a toma correcta de medicamentos específicos. Os principais factores de risco cardiovascular, sobre os quais pode agir a prevenção são: sedentarismo, hipertensão arterial, tabagismo, stress, obesidade, diabetes e dislipidemia.

O rastreio e o diagnóstico médico são fundamentais para avaliar o risco de vir a sofrer de uma doença cardiovascular. Quanto mais precoce for o diagnóstico maiores serão as probabilidades de impedir o aparecimento ou o agravamento deste tipo de doença. Reduzir o risco de ter uma doença cardiovascular também é possível mas depende essencialmente de cada pessoa. Para isso é necessário adoptar um es-



Rita Braga\*

tilo de vida saudável. Não fumar; controlar regularmente a tensão arterial, o nível de açúcares e gorduras no sangue; ter uma alimentação saudável, variada com fruta, legumes, cereais completos, peixe, carnes magras, evitando sal, azeite e gorduras vegetais; praticar exercício físico moderado e com regularidade; realizar exames periódicos de saúde. E para pessoas com história familiar de doença cardiovascular, a prevenção deve começar o mais cedo possível.

Como é bom ter saúde, não deve ser exclusivamente neste mês que nos devemos lembrar de cuidar do coração e dos nossos vasos sanguíneos. Recorde-se: esta doença afecta cada vez mais a população portuguesa, não escolhendo idade, sexo ou escalão social.

\* Farmacêutica

O comentário de Torres Jaques

Esposende processa Governo por colocação de portagens na A28 pág. 15



Parabéns



Campeão 2009/2010  
1ª Divisão da AF Braga

Benjamim Pereira assume concelhia do PSD Esposende pág. 15

Forjães no concurso As 7 Maravilhas de Esposende pág. 15

José Salvador escreve sobre 'bullying' escolar pág. 19

Visite [esposendeonline.com](http://esposendeonline.com)

O FORJANENSE O melhor jornal de Esposende O FORJANENSE

**esposendeonline**  
www.esposendeonline.com

home | a sua conta | downloads | enviar notícias | forum | notícias locais | top 10 | lista de membros

«Bom dia amigo!»

Esta é a saudação que, invariavelmente, escutamos ao homem de profissões diversas, que nunca se acomodou, até conseguir o seu próprio negócio. Entre as memórias que desfia, conta a compra de um tractor que, hoje, está num museu...

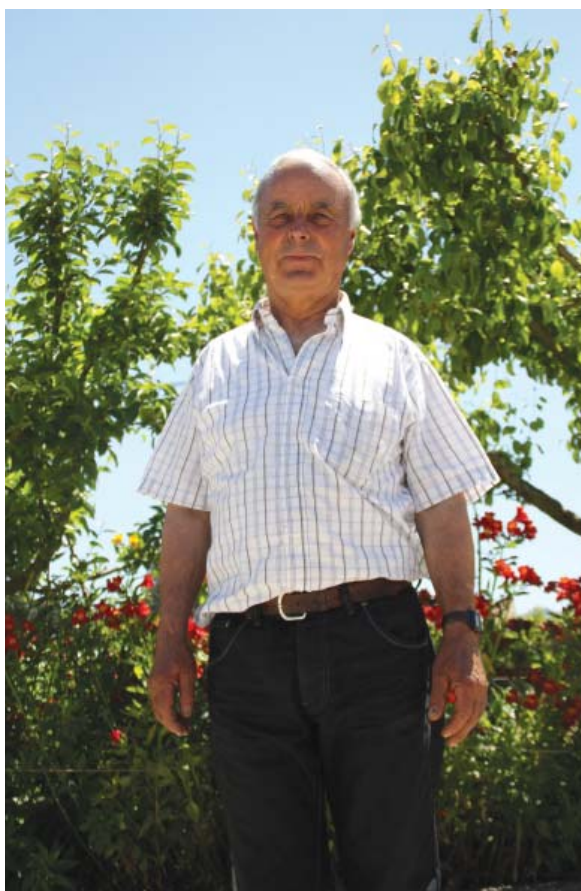
Mário da Costa Carvalho tem uma história de vida riquíssima. Ao longo dos seus 73 anos, foi jornalista, pedreiro, moleiro, ferreiro, e serralheiro.

«Os meus pais eram pobres. Desde criança fui com a minha mãe ao jornal para ganhar uns tostões para casa», recorda, sublinhando que só aos 8 anos foi para a escola. «Depois das aulas trabalhava para o Avelino Santos, limpava o óculo (canal de água) ganhava, por dia, sete escudos (pouco mais de três cêntimos)». Aos 13 anos saiu da escola, indo para Vila Nova de Anha servir nos

campos. Pouco tempo depois foi trabalhar como pedreiro com o Zé Gaio e seu irmão Manuel. Aquela foi a profissão que mais o fascinou em toda a sua vida e na qual teve o único despedimento laboral: «O meu pai encontrou-se com os irmãos Gaio no café e disse-lhes que eu ganhava pouco, merecendo mais do que oito escudos (quatro cêntimos). No dia seguinte fui despedido».

Regressou, então, a Vila Nova de Anha e, durante três anos, foi moleiro. Mas logo regressou à casa paterna, devido a uma birra do patrão. «Era uma pessoa má. Deu-me uns 'soques' para eu levar à missa, mas o meu pai tinha-me oferecido uns sapatos, que eu preferia aos 'soques'. Certo dia fui apanhado e levei uns cachuchos do patrão. Não gostei e voltei para casa». Nessa ocasião conheceu José Barros, indo trabalhar como ferreiro para a sua oficina, junto a ponte de Fragoso. Em Abril de 1958, cumpre o serviço militar, que o leva a uma breve passa-

gem pelo Entroncamento, passando 10 meses em Leira. No regresso prossegue como ferreiro em Antas, na oficina Carvalho, actual Serralharia Carvalho. Em 1960, já está a trabalhar para a antiga cerâmica Ceral, onde permaneceu durante 26 anos, ao longo dos quais exerceu várias tarefas. «Comecei na oficina como serralheiro, fazia os potes que queimavam o serrim para a cozedura do tijolo. Quando vim embora era chefe de oficina e representante dos trabalhadores no sindicato». Em 1998, muda-se para a Arbor, em Mazarefes, devido a questões monetárias, criando a própria oficina, exercendo a pro-



Luís Pedro Ribeiro

fissão até à idade da reforma. Ao longo de todos estes anos Mário Carvalho recorda com saudade os vários momentos vividos. Pedimos que partilhasse um episódio que o tivesse marcado. «O falecido José da Quitéria fez-me uma

proposta de venda de um tractor, modelo raro suíço, de marca Rapid, mas não funcionava. Vários mecânicos o tinham tentado reparar sem sucesso, assim sendo não fizemos negócio». Passados poucos anos, após uma tradicional Noite de S. João, colocaram o tractor no parque da antiga Casa Correia. «A viúva do senhor José pediu-me para o ir buscar e foi aí que me fez nova proposta. Fechei negócio por 20 contos (100 euros), gerando muita polémica até 'pasquins' colocaram na freguesia contra mim». Mário Carvalho decidiu consultar os melhores mecânicos da zona para resolver o mistério mas não conseguiram, até que um dia ele adaptou o magneto e as bobines de uma Casal, duas ao volante do motor do tractor. «Mistério resolvido: o tractor funcionou logo. Passados alguns anos vendi-o ao Elias do Torcato, que o levou para uma casa de alfaias agrícolas em S. Bartolomeu». Actualmente, Mário Carvalho ainda faz alguns biscates, cria algumas engenhocas na sua velha oficina, onde seremos sempre bem recebidos com a sua célebre expressão: «Bom dia amigo!».

Nelson Correia

Quinta de Curvos



Situada num vale associado ao rio Neiva e atravessada pelos ventos marítimos, a Quinta de Curvos apresenta uma fertilidade ímpar. O Vinho Verde aqui produzido revela uma mistura de aroma e agulha, que pela sua frescura se torna muito apetecido

Sede

Lugar de Cerqueiral - FORJÃES - Esposende Parque Industrial de Padim da Graça, Lt.6-2  
Telemóvel: 965864875 - Tel/Fax: 253 871 555 Padim da Graça - Braga - Telefone: 253 300 070

**AGROZENDE - Fabricação de estufas e regas, Lda**

Sistemas Rega - Plásticos Térmicos - Plásticos Cobertura Solo - Redes - Telas - Climatização

Agrozende Fabricação de Estufas e Regas, Lda é uma empresa moderna que sempre procurou, desde o seu início, apostar na actualização constante dos seus serviços e produtos, proporcionando aos seus clientes a qualidade necessária às suas exigências.

Como empresa em expansão, prestamos os nossos serviços e apoio de norte a sul do país e ilhas, através de equipas especializadas na montagem e aquecimento de estufas, sistemas de regas, armazéns de apoio e Garden Center.

Contactos:  
Tlf: 253 983 432 - Fax: 253 983 433 - Email: [agrozende@vizzavi.pt](mailto:agrozende@vizzavi.pt)  
Rua de Agra - Apartado 13 - 4744-909 Fonte Boa - Esposende